

**FIC - FACULDADES INTEGRADAS DE CATAGUASES**  
**Departamento de História**

**RITA DE CÁSSIA MENDES CABRAL**

**E ELA NÃO IA AO CINEMA...**  
**O PERFIL DA MULHER “LARGADA PELO MARIDO” NA SOCIEDADE**  
**CATAGUASENSE DOS ANOS 70**

**CATAGUASES - MG**  
**2010**

**FIC - FACULDADES INTEGRADAS DE CATAGUASES**

**Departamento de História**

**E ELA NÃO IA AO CINEMA...**

**O PERFIL DA MULHER “LARGADA PELO MARIDO” NA SOCIEDADE  
CATAGUASENSE DOS ANOS 70**

**RITA DE CÁSSIA MENDES CABRAL**

Monografia apresentada ao professor orientador Carlile Lanzieri Júnior como trabalho de conclusão do Curso de História.

CATAGUASES - MG  
2010

**FIC - FACULDADES INTEGRADAS DE CATAGUASES**

**Departamento de História**

**RITA DE CÁSSIA MENDES CABRAL**

**E ELA NÃO IA AO CINEMA...**

**O PERFIL DA MULHER “LARGADA PELO MARIDO” NA SOCIEDADE  
CATAGUASENSE DOS ANOS 70**

Monografia apresentada à FIC – Faculdades Integradas de  
Cataguases, como requisito parcial para obtenção da  
graduação em História.

Aprovada em 29 de novembro de 2010

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Mestre Carlile Lanzieri Júnior  
FIC - Faculdades Integradas de Cataguases

---

Prof. Doutora Irenilda Reinalda Barreto de Rangel Moreira Cavalcanti  
FIC - Faculdades Integradas de Cataguases

---

Prof. Mestre Leda do Nascimento R. Roberti  
FIC - Faculdades Integradas de Cataguases

CATAGUASES MG  
2010

Como é muito bom fazer, quando se termina um trabalho, dedico este meu estudo a minha mãe e a todas as mulheres que viveram aquele período histórico e, especialmente àquelas que generosamente compartilharam comigo suas humilhações, suas alegrias, suas dores e a superação de suas dificuldades.

## AGRADECIMENTOS

Estar apta para escrever esta monografia tem um grande significado, especialmente a responsabilidade em relação a quem me incentivou. Creio que nunca encontrarei palavras para expressar a gratidão e o sentimento terno de saber que pude contar com pessoas tão boas nessa fase da minha vida.

Esta monografia é um sonho meu, de familiares e amigos e agradeço a Deus e a eles por terem me ajudado a realizá-lo. Quero homenagear aos que trouxeram esses momentos compensadores.

À FIC – Faculdades Integradas de Cataguases e à Prefeitura de Cataguases pela concessão da bolsa de estudo.

Ao coordenador do Curso de História, Inácio Frade, pelo exemplo de ser humano e profissional.

Ao orientador Carlile Lanzieri Junior, pelo carinho e zelo ao indicar o melhor caminho.

Ao Centro de Documentação Histórica, representado por Hermínio Sexto Alexandre Filho, do Instituto Francisco de Souza Peixoto, pela disponibilização dos documentos que tornaram possível grande parte desta pesquisa.

À Juliana Mendes de Castro, uma pessoa indispensável em minha vida, exemplo de ser humano e profissional em quem me espelho.

À Iara Mendes Cabral, minha irmã e aluna favorita, com quem socializei meu conhecimento e que me amparou em todos os momentos e me presenteou com os autores indispensáveis ao meu crescimento intelectual e a quem dedico o meu amor fraterno.

À Terezinha Mendes do Carmo, com o seu amor, palavras de incentivo e apoio financeiro.

À tia Marlene pela fé inabalável de que tudo daria certo.

À Irene Barreto e Irenilda Reinalda Barreto de Rangel Moreira Cavalcanti que me apresentaram o curso e, portanto, sem elas essa História não teria sido possível.

À Nilda Almeida Barbosa pela amizade, incentivo e doação de obras, principalmente as utilizadas na confecção desse trabalho.

À Rosemeire Pinheiro de Sousa e família que se empenharam na recuperação de documentos extraviados nos arquivos da Justiça e pelas palavras de carinho.

À Maria Galdina Toledo, com sua paciência e sapiência e apoio incondicional.

Aos queridos mestres Luiz Fernando Leitão, Anicézia Romanhol Bette, Magda Mazini, Joaquim Branco e Ângela Pimenta.

Àqueles que indiretamente também prestaram a sua contribuição, a todos a minha gratidão.

Pequeno anel de carne, pequena fenda feia / Pequeno esfíncter pagão / Pequeno canto, sempre unido, envenenado com o cálido / Pequeno buraco, pequeno nada! // És feia quando dorme! / feia tu, que Deus escondeu nesse ângulo que fede. / Perto dos esgotos do corpo! // Ah” dá poder para lamber teu beijo rosado / reles monstro de orgulho! / Podes abrindo tua goela com grenha encrespada / Bocejar como um caixão! / Ventosa venenosa, abismo insaciável, / tão funesta e tão querida / Quero desprezar-te, a ti por quem chora e sofre / O melhor de minha carne // Quero detestar-te para sempre, coisa infame / tu que devolves o bem com o mal // Pequeno nada cavado na parte baixa da mulher / Pequeno buraco, pequeno nada!

A autoria deste texto é atribuída ao monge medieval Jean Leclerck e cantado em São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, nas salas de espera dos salões de dança.

## **RESUMO**

Estudo sobre o perfil da mulher separada do marido na sociedade cataguasense na década de 1970. Através da análise de 53 processos de separação judicial da vara de família disponíveis no Centro de Documentação Histórica e cinco entrevistas com mulheres que se separaram naquele período e fontes bibliográficas foi realizada busca por vestígios e informações sobre o cotidiano dessas mulheres, procurando possíveis respostas para questões como qual era o perfil da mulher separada em Cataguases na década de 1970. Existiu uma Cataguases modernista que vive da efervescência cultural e uma outra, obscura, indiferente a esse movimento? Foi possível sua coexistência? Quais eram suas preocupações e de que modo o meio em que vivia se entrelaçava ao seu cotidiano. A mulher daquele decênio transitava entre a ditadura, a cidade de tradição cultural, a descoberta do anticoncepcional e a sociedade ainda influenciada pela família patriarcal. A tudo isso acrescenta-se o desafio de cuidar de si e dos filhos sem o provedor ao seu lado.

**Palavras-chave:** Mulher, Cataguases, Separação, Preconceito.

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....  | 9  |
| 1 VERSÍCULOS SOBRE A HISTÓRIA DAS MULHERES .....        | 12 |
| 1.1 – <b>Breve história da mulher</b> .....             | 12 |
| 1.2 – <b>A questão de gênero</b> .....                  | 14 |
| 1.3 – <b>A história oral</b> .....                      | 16 |
| 1.4 <b>Anos 70: Brasil, Cataguases e a Mulher</b> ..... | 18 |
| 2 – OS 53 PROCESSOS DE SEPARAÇÃO .....                  | 21 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                              | 32 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                        | 33 |
| ANEXO A – Questionário .....                            | 36 |
| ANEXO B – Transcrição de entrevistas .....              | 37 |
| ANEXO C – Documentos .....                              | 62 |

## INTRODUÇÃO

Não houve uma total neutralidade na escolha desse tema de estudo. Em algumas circunstâncias, durante a elaboração da pesquisa, entre uma linha e outra, encontrei vestígios da minha vida, principalmente nos momentos em que percebia naquele contexto distante, o poder do discurso masculino que limitava os direitos individuais daquelas mulheres, como posso perceber também em minha vida presente. Por isso, julguei fundamental refazer o percurso que as fontes indicavam e assim reconstruir partes da vida cotidiana das mulheres por meio dos processos judiciais de separação para então proceder à sua análise. Percebi refazer alguns dos meus passos como mulher e pesquisadora de História.

Ricardo da Costa (2004) é incisivo ao afirmar que para se escrever uma boa história “[...] é fundamental que o historiador, antes de tudo, ao escolher o tema de sua pesquisa, o faça porque gosta muito do assunto, porque se apaixonou por ele [...] como um tema original e importante”: é o amor ao tema que me manterá no caminho para a realização do trabalho.

Outra razão mobilizadora da pesquisa se deu pela inexistência de literatura acerca deste período histórico e do questionamento: qual era o perfil da mulher separada em Cataguases na década de 1970? Existe uma Cataguases modernista que vive da efervescência cultural e uma outra, obscura, indiferente a esse movimento? É possível a coexistência de ambas?

Tal escolha fundamenta-se no interesse de identificar estas mulheres, conhecer sua formação profissional, educacional e cultural, e os possíveis preconceitos comuns àquela época. O tema é relevante, já que, na história da humanidade, desde os seus primórdios, a mulher foi subjugada por ser feminino e como ser pensante. As transformações ocorridas no mundo, a partir da década de 1960, ainda causam impactos profundos na estrutura social do país. O possível ineditismo deste trabalho contribui para a reconstrução da história recente de Cataguases.

Além disso, objetivamos conhecer o universo em que se davam as separações e a sociedade cataguasense. Consideramos importante para a pesquisa identificar e levantar os motivos e as classes sociais em que tais casos eram mais comuns e todas as dificuldades

enfrentadas por essas mulheres ao tentarem reconstruir a vida pessoal e profissional sem o apoio do provedor em uma sociedade religiosa de uma cidade pequena. E, reunindo estas informações fazer um breve histórico da trajetória de crescimento pessoal da mulher destacando as conquistas das últimas décadas, a partir da década de 1960, início dos movimentos feministas.

Esta pesquisa tem como proposta analítica o cruzamento das informações encontradas nos processos judiciais da 1ª vara de família de Cataguases nos Cartórios de 1º e 3º Ofício no período que compreende o ano de 1970 até 1979, arquivados no Centro de Documentação Histórica, (CDH) do Instituto Francisca de Souza Peixoto, e entrevistas realizadas com senhoras que viveram esta experiência. No que se refere às primeiras fontes citadas, são elas os documentos que compõem o processo judicial em que cônjuges manifestam seu propósito de desquitarem-se e a descrição da Certidão de Casamento com observação em que a justiça declarou a averbação do desquite, emitida pelo Cartório de Paz e do Registro Civil de Cataguases, além do esboço de um formal de partilha de bens.

Para elaborar esta pesquisa, foram realizadas várias visitas ao CDH, onde tivemos acesso ao banco de dados da instituição. Os procedimentos adotados seguiram a seguinte ordem: os dados necessários à pesquisa foram comunicados ao CDH, isto é, os processos cíveis de desquite e separação entre casais no período de 1970 a 1979. Estas orientações foram inseridas no banco de dados e processados. Em seguida, o programa apresentou todos os processos disponíveis para consulta. O funcionário responsável pelo acervo, Hermínio Sexto Alexandre Filho separava-os, preenchia as fichas específicas de controle dos documentos e os entregava para nossa análise.

Os métodos disponíveis em História Oral foram utilizados para realização das entrevistas. Em conversa preliminar, foi possível perceber as marcas deixadas pelas situações de maus tratos, preconceitos e falta de oportunidades vividas pela mulher separada nos anos de 1970 numa sociedade patriarcal. Desse modo, a História Oral, associada à análise dos documentos, nos forneceu uma tela pintada com cores mais próximas da realidade. Eni Sâmara e Ismênia Tupy (2007) fundamentam a utilização de vários tipos de registros:

O trabalho com uma ampla gama de registros demanda, assim, novas competências do historiador. Estas, porém, não se manifestam apenas na dimensão interdisciplinar de métodos e técnicas de pesquisa. Torna-se imperioso lembrar que a operação histórica consiste, após ter reunido, criticado e dissecado o conjunto de documentos disponíveis, em estabelecer encadeamentos entre os diversos componentes do tema estudado – de acordo

com o método adaptado a cada caso – e construir um discurso atribuindo-lhes coerência e sentido (SAMARA, TUPY, 2007, p. 119).

O questionário que apresentamos para as entrevistas foi organizado a partir da seleção do perfil e das principais queixas daquelas mulheres registradas nos processos, isto é, os maus tratos e as grandes necessidades materiais. Estas características permitiram esboçarmos um perfil do marido que utilizava a violência e a opressão para manter seu poder sobre a família.

Ao citarmos as declarações contidas nos depoimentos das cinco mulheres entrevistadas utilizamos as siglas M1, M2, M3, M4 e M5 para identificá-las ao mesmo tempo que protegemos a sua identidade.

Contudo, conforme assegura Mary Del Priore (2006), fica claro que estamos tratando não só da história da mulher, mas abrange a da família, da criança, do trabalho, da literatura, pois através de nosso estudo, imaginamos ser possível dar à imagem da mulher cataguasense e à sociedade daquele período um pouco mais de nitidez. Isso pode ser evidenciado pelo fato de que os relatos literários mostram os retrocessos e avanços das conquistas femininas e como ainda perduram desigualdades entre os sexos.

# 1 - VERSÍCULOS SOBRE A HISTÓRIA DAS MULHERES

## 1.1 – Breve história da mulher

De acordo com Cláudia Fonseca (2006, p. 528), a receita para a mulher ideal envolvia uma mistura de imagens: a mãe piedosa da Igreja, a mãe-educadora do Estado ditador, a esposa-companheira, todas convergindo para a pureza sexual – a virgindade da moça, a castidade da mulher. Para a mulher ser “honesta”, devia se casar, e, para casar, era imprescindível que a mulher fosse virgem. A virgindade ainda tinha um grande valor para os pais que as educaram. O “bom casamento” significava muitos benefícios para a noiva e sua família. O Código Civil em vigência nas primeiras décadas do século XX previa a anulação do casamento quando o marido constatava a não-*virgindade* da noiva.

A partir dos anos 60, quando os holofotes do fazer histórico se viraram para a história das mulheres, os historiadores se dedicaram a garimpar possíveis fontes no que foram muito felizes. A escassa documentação oficial não correspondia à rica fonte encontrada nos processos judiciais. Entre números de leis, testemunhas e a específica linguagem jurídica, foi possível perceber parte da intensidade das vidas daquelas mulheres. As entrelinhas dos processos deixavam indícios de quanto elas eram dinâmicas no desempenho de seu principal papel social, isto é, na condução do lar.

A jovem era orientada ou induzida a procurar rapazes com bons empregos ou de famílias boas. Na década de 70, o país vivia o “milagre brasileiro” e a indústria ganhava um grande impulso, o que gerou um êxodo para grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Era para lá que se deslocavam os jovens em busca de sucesso financeiro e profissional, deixando aqui as futuras esposas.

Uma estratégia muito usada ainda hoje são os casamentos usados como forma de ascensão social e de prestígio. Segundo Mary Del Priore (2005), famílias anônimas aumentavam seu capital e adquiriam *status* social apoiando-se nos genros que desfrutavam de influência social. Nesses casos, não havia amor e sim dever e interesse. A autora comenta que as influências das primeiras décadas do século XX em que o Código de Processo Civil de

1916 orientava as leis insistiam na indissolubilidade do casamento, considerando a mulher incapaz de:

[...] exercer certos atos e se mantinha em posição de dependência e inferioridade perante o marido. Igualdade entre homem e mulher, nunca. Ao marido, cabia representar a família, administrar os bens comuns e aqueles trazidos pela esposa e fixar o domicílio do casal. Quanto à esposa, bem... ficara ao nível dos menores de idade ou dos índios.[...] nem trabalhar a mulher podia sem permissão do marido. Autorizava-se o uso da legítima violência masculina contra excessos femininos (DEL PRIORE, 2005, p. 246).

Nessas condições, restavam poucas alternativas às mulheres. Realizavam tarefas que exigiam destreza e habilidade, executando funções subalternas. Restava a elas profissões executadas preferencialmente por mulheres, como lavadeiras, passadeiras ou domésticas. Para serem admitidas, bastava que demonstrassem inclinações “naturais” como coordenação motora, sensibilidade tátil e habilidades para pequenos movimentos. Todas estas características eram consideradas próprias do universo feminino. Essas ocupações eram um desdobramento do seu fazer doméstico.

A maioria dessas mulheres não teve condições de chegar à universidade ou não o fizeram por aceitarem o discurso instituído de que, para elas, o melhor ainda era o casamento. Portanto, o uso do intelecto era ignorado.

Muitas vezes, a mulher que trabalhava fora desempenhava funções que realizavam na própria casa. As profissões mais rentáveis eram a de tecelã que era ocupada por mulheres com baixa escolaridade e a de professora para a mulher que teve acesso a um grau mais elevado de estudo. Curiosamente, enquanto buscava um espaço profissional e um meio de prover as necessidades dos filhos e de si própria, desbravou um ambiente anteriormente dominado por homens e é, portanto, um confronto entre a história de mulheres e a história da resistência masculina.

Esse é o caso da professora primária que desfrutava de maior prestígio do que uma costureira, por exemplo, além de ser mais bem paga em relação às demais profissões, concedendo-lhe prestígio e respeito social. Ainda que muitas mudanças se acelerassem a partir da década de 1960, a partir do Movimento Feminista, o estereótipo feminino representava a mulher dentro de casa, no tanque ou cuidando dos filhos.

## 1.2 - A questão de gênero

Demorou muito até que a presença e a voz feminina fossem registradas. Talvez tenha sido os Estados Unidos o primeiro país a dar maior destaque à história das mulheres. Para escrever e reconstruir esta história foi preciso adicionar novas categorias aos modelos instituídos e considerados como “verdadeiros”, sem que tais modelos fossem questionados por outros pontos de vista, tornando evidente a superioridade da história do homem.

A participação feminina no mundo do trabalho nos anos 20 é incontestável, ainda que permitida pela necessidade de mão-de-obra destinada à indústria bélica por ocasião da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e para incrementar o processo de industrialização, especialmente na Europa. O direito ao voto foi uma conquista, mas a lei foi assinada pelo homem, sugerindo que ele “deixou” que a mulher revelasse sua opinião sobre questões políticas \_ até então restrito ao mundo masculino \_ e porque seu voto era importante para legitimar algum interesse desse homem.

Na década de 1960, a história das mulheres esteve ligada à política. As ativistas feministas reclamaram uma história que resgatasse a vida das heroínas como alibi para a ação das mulheres documentando todos os aspectos de suas vidas no passado. Era preciso revolver as normas e aquela ordem, uma vez que as normas e leis sempre foram escritas pelo homem. A simples presença da mulher contestava o que era considerado natural, ou seja, o poder masculino.

Afastando-se da política, a temática do feminino passou a usar o gênero cientificamente em meados dos anos 70, combinado aos conceitos de raça e classe social. Cabe lembrar que os contornos de poder entre os gêneros sofrem variações de acordo com as manifestações culturais, a religião, a economia e as classes sociais, as raças, e também o momento histórico atuando em todas as esferas da vida cotidiana.

Joan Scott (1998), adotou a década de 80 para registrar o momento em que a categoria gênero conquistou seu espaço, pois o vocábulo gênero é um termo aparentemente neutro, sem se relacionar a qualquer ideologia. A autora comentou que a categoria de gênero foi inicialmente usada para estudar as diferenças entre os sexos; mais adiante desdobrou-se para a questão das diferenças dentro da diferença no interior dos contextos social e cultural, de modo que temos mulheres de cor, judias, lésbicas, mães solteiras e trabalhadoras pobres, que é o caso desse estudo, resistindo à superioridade heterossexual da classe média branca.

Para Rachel Soihet (1997, p. 279), o termo acentua “[...] que nenhuma compreensão de qualquer um dos dois pode existir através de um estudo que os considere totalmente em separado”, possibilitando novos padrões, ajuntando outros temas e metodologias.

Segundo Jane Almeida (1998, p. 41), para os positivistas, aceitar os modelos naturalistas equivale a seguir a categoria em que está subentendido submissão da mulher ao homem, fundamentada nas estruturas biológicas do indivíduo, o que legitimava o poder incontestável do homem no século XIX. O pensamento positivista aprovava o movimento higienista segundo o qual os médicos sanitaristas destinaram à mulher a responsabilidade pela higiene do lar. Ela era a responsável pela saúde da família, a fortaleza sobre a qual se ergueria a saúde moral das futuras gerações do seu país.

Ainda conforme Almeida (1998, p. 50), “[...] a relação entre Gênero e História constitui-se uma categoria de análise que se impõe na revisão da História oficial e da História da humanidade. Habitado e construído por homens e mulheres, o mundo não pertence a um só sexo [...]”. Atualmente, o movimento feminista convive e aceita a diferença entre os sexos acolhendo o termo *gênero* como comum aos dois sexos e às relações sociais que, por seu lado, estão entremeadas com as relações de poder apontando os contrastes que delimitam a vida social. Isto porque, em uma democracia, as desigualdades e as formas de dominação não são reprimidas tão facilmente. Faz-se necessária a consciência crítica e política e, se possível, eliminar, as divisões sociais de gênero, as de classe e as raça.

Neste novo campo de estudo, o historiador utilizou-se de regras de linguagem, o rigor da pesquisa e as evidências, possibilitando a comunicação entre os seus pares. Para Joan Scott (1992, p. 81), “[...] as mulheres estão ao mesmo tempo adicionadas à história e provocam sua reescrita; elas são necessárias à complementação, são supérfluas e indispensáveis”.

De acordo com a autora, o desenvolvimento da História Social foi um instrumento para o estudo da História das Mulheres. Acrescentando um conjunto de abordagens, legitimou, além do estudo das mulheres, outros sujeitos históricos, como operários, professores, entre muito outros.

Para Peter Burke (1992, p. 23-4), a História Social ao privilegiar as experiências da vida cotidiana como problemática e outros sujeitos históricos, busca uma explicação capaz de demonstrar que os comportamentos e valores aceitos em uma sociedade podem ser rejeitados em outra. São estas regras implícitas, rejeitadas e aceitas, que os historiadores tentam desvendar em uma determinada cultura, isto é, “relacionar a vida cotidiana aos grandes acontecimentos”. Essa nova consciência tornou possível conhecer a “verdadeira” identidade das mulheres, sua autonomia e individualidade.

O feminismo desempenhou um importante papel na construção da identidade coletiva de mulheres, aproximando-as da igualdade entre os sexos e possibilitando o controle sobre seus corpos e vidas.

Segundo Joan Scott (1992), mesmo que a História das Mulheres esteja associada à emergência do feminismo, este não desapareceu, seja como presença na academia ou sociedade. Alguns escritores dessa história acreditam que estão envolvidos em um projeto político, para desafiar a autoridade dominante na profissão e na universidade e para mudar o modo como a história é escrita. Mesmo quando opera com conceitos de gênero, está preocupada com questões contemporâneas da política feminina, tais como o bem-estar, o cuidado dos filhos e o aborto.

### **1.3 – História Oral**

Outra metodologia que vem ajudando a reconstruir a História das Mulheres é a História Oral, recuperando, através de depoimentos, a memória e as tradições que faziam parte do cotidiano. Ecléa Bosi (1987, p. 17) afirma que: “O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista”.

Conforme explica a autora, a lembrança possui grande importância social, pois a vida atual encontra o seu alimento ao recorrer à outra época. Entretanto, a lembrança e o sentimento devem passar pelos processos da reflexão e da localização “para que não seja apenas a repetição do estado antigo”.

Assim se constrói a riqueza e a diversidade de uma sociedade: por meio da memória. “Momentos perdidos podem ser compreendidos por quem não os viveu e humanizar o presente” (BOSI, 1987, p. 39).

Conforme Jane Almeida (1998, p. 53), para aquelas mulheres, “[...] a memória é o legado herdado através das gerações, a possibilidade da perpetuação das experiências vividas, a narrativa dos tempos feita do seu ponto de vista, da sua maneira de olhar o mundo e a vida”.

Ainda nessa hermenêutica da fala e da escuta, o historiador tenta descobrir o sentido e o significado do discurso, perscrutando a voz, os gestos, o corpo, os silêncios e as lágrimas. Assim, para José Ignácio Vigil (1986, p. 11) “[...] o simples fato de que o homem marginalizado escute sua voz ou a de seus companheiros em um meio de comunicação, desperta nele um sentimento de importância, de ser uma pessoa”.

No caso deste trabalho, as entrevistas permitem uma maior compreensão do cosmo onde coabitavam os antigos valores patriarcais e as novas perspectivas de vida em uma cidade interiorana, regida por valores religiosos, pelo desenvolvimento industrial e pelo convite modernista. Conhecer o cotidiano das mulheres que se separaram naquela década, assim como seus medos, lutas e vitórias, tornará o desenho da mulher cataguasense mais próximo da verdade, entendendo por verdade o conceito utilizado por Foucault para explicar a complexidade dessa palavra:

Por “verdade”, entender um conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a repartição, a circulação e o funcionamento dos enunciados. A “verdade” está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apóiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem [...] condição de formação e desenvolvimento do capitalismo (FOUCAULT, Michel. 1979, p. 14).

Este encontro da História com a memória possibilitou o diálogo entre gerações: a narrativa de experiências vividas produzida a partir do modo particular de olhar o mundo e a vida. Mesmo que as lembranças sofram distorções, são fontes confiáveis capazes de guardar registros importantes. Para Jane Almeida (1998, p. 54), as recordações podem ser romanceadas e assim tornar o passado melhor do que foi se as lembranças causam dor; acontecimentos comuns ganham destaque e os erros podem ser perdoados ou não ter tido consequências sérias. Por fim, algumas vezes, essas memórias podem ser relatadas sem ordem cronológica.

Jane Almeida (1998, p. 54) também citou a análise feita por Paul Thompson (1992) distinguido a maneira como os fatos são narrados pelo homem, pela mulher e pelo idoso. Segundo este autor, os homens demonstram uma inclinação para falar da vida como sua, eles são os sujeitos da ação e utilizam o pronome *eu*. De modo oposto, a mulher valoriza as relações sociais e afetivas. Na história que constróem, é possível encontrar pedaços da vida de outras pessoas e, por isso, utiliza o *nós*. De maneira diversa, a testemunha idosa utiliza um processo psicológico pelo qual um indivíduo se apodera do fato tornando-o parte de si mesmo, “[...] uma descarga emocional para alguém que há tempos não é mais ouvido”. Ao falar do seu passado, alegrias, sucessos, fracassos e perdas dão a eles “[...] nova significação no momento presente” (ALMEIDA, 1998, p. 55).

Peter Burke (1992, p. 26) também menciona Paul Thompson (1990) para destacar o cuidado que se deve ter ao utilizar os métodos da História Oral. Segundo Thompson, deve-se atentar para a “influência do historiador-entrevistador e da situação da entrevista sobre o depoimento da testemunha [...]”. Burke acredita que a crítica de um documento é mais aprimorada que a crítica da testemunha.

#### **1. 4 - Anos 70: Brasil, Cataguases e a Mulher**

No Brasil, a Ditadura Militar comandada pelos generais Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo atingia o ápice de sua ação repressora sobre a classe intelectual. Em um clima de urbanismo criado pelos militares, a seleção conquistou o tri-campeonato mundial de futebol na Copa do Mundo de Futebol no México. Na economia, começa o “Milagre Econômico”, marcado por grandes desigualdades: investimentos em obras gigantescas conviveram com a miséria.

Nesse ambiente, prosperam as artes, especialmente com a ascensão da música popular brasileira. A bossa nova afirmava-se como gênero musical acolhido internacionalmente, especialmente nos Estados Unidos com a ampla divulgação feita pela televisão que consolidava a conquista de seu espaço entre as massas. As salas de projeção do país foram inundadas com histórias de amor como *Dio comme ti amo*, *Romeu e Julieta* e o *Jeca Tatu* de Mazzaropi.

Leila Diniz (1945-1972) destacou-se como grande atriz, musa e a primeira mulher a frequentar as praias cariocas com um maiô de duas peças. Ela também desempenhou um papel importante ao assumir diante da sociedade brasileira o amor livre, contribuindo para a queda dos paradigmas que mantinham as mulheres entre as paredes do lar, doce lar.

Nessa mesma década, muitos se indignaram com a morte violenta de Ângela Diniz (1944-1976), mineira da alta sociedade assassinada pelo amante. Tal fato levantou uma série de debates, principalmente entre as feministas de então que criam o *slogan* “quem ama não mata”, como forma de pressionar a justiça.

Em Cataguases, essas transformações causavam efeitos diluídos no cotidiano de uma cidade industrial e religiosa do interior mineiro, mas nem por isso menos importante. Ainda na década de 1960, concretizou-se o processo de modernização da cidade, iniciado nos anos 50. Segundo Odete Valverde Almeida (2004), a cidade destacava-se na economia, na instalação de indústrias e na urbanização ordenada. Já na década de 1970, a população era de

43.846 habitantes e membros da família Peixoto foram os principais responsáveis pelo desenvolvimento cultural da cidade.

Para Luís Resende (2009), a atitude desta família ao incentivar outras pessoas de posses a investirem em coleções de artes plásticas, arquitetura e literatura resultou no perfil urbanístico e moderno da cidade, marcada por obras de Oscar Niemeyer, Burle Marx, Anísio Medeiros, Jan Zack, Edgar Guimarães, Djanira, Emeric Marcier e Cândido Portinari. Além disso, a produção cinematográfica também prosperava através da veia criativa de Humberto Mauro e a produção do curta metragem *Carro de Bois*.

Para Carlile Lanzieri Júnior e Inácio Frade (2006, p. 82), foi a “[...] presença de um segmento social, detentor de poder econômico, responsável pelos rumos progressistas que contribuíram para a construção do mito que insere Cataguases como um pólo de cultura e arte a nível nacional”. Foi esse grupo de industriais, em parte conduzido pelos Peixoto, que investiu na industrialização e modernização da região.

É sobre esta base que se edificou, nos anos 70, uma nova geração artística. De acordo com Anicézia Bette (2009), os militares exerciam o controle sobre a imprensa desde as grandes cidades até os municípios do interior do país. Em Cataguases, o conteúdo do jornal *O Cataguases* destacava as realizações do presidente e seu partido. No entanto, os poetas e músicos da terra, com suas linguagens próprias subvertem a ordem estabelecida e literária, ao promoverem festivais de música, teatro e literatura.

Como era a convivência em uma “cidade modernista” onde parte de seus habitantes respiravam os ares da efervescência cultural e outra, “obscura”, formada de mulheres comuns caíam no anonimato da história? Ao que parece, os espaços e as obras modernas pareciam ser indiferentes a essas mulheres que desconheciam seu significado, pois estavam totalmente imersas em seus afazeres diários. As modernidades européias talvez fossem mais interessantes a alguns privilegiados da elite econômica e intelectual de Cataguases. Contudo, é inegável o mérito dessas pessoas que estimularam o processo modernista na cidade.

Neste contexto, resistia um personagem ainda tímido, que começava a exigir outra realidade para si e sua família. À mulher, que antes cuidava do lar e da família, com grau de escolaridade mínimo, ao se separar do marido, restava-lhe enfrentar a falta de escolaridade e qualificação, os maus tratos e preconceitos para criar os filhos.

Normalmente, o homem tem dificuldades para aceitar o fato da ex-mulher ter uma nova vida ao lado de outro companheiro sem precisar de sua presença. Assim, nega-se a conceder ajuda material para manutenção e educação dos filhos. O poder masculino estendia

raízes por todos os âmbitos sociais, alcançando a esfera do trabalho e família. Suas leis, preceitos e valores sociais eram criados com a finalidade de reforçar seu domínio e poder.

Entretanto, esta dominação, muitas vezes, não se dá de forma explícita. Os estudos de Pierre Bourdieu apontam para uma inversão das categorias (2003, p. 144), segundo a qual o dominado tende a assumir a respeito de si mesmo o ponto de vista do seu dominador e aceitar, constrangido e forçado. Desse modo, a dominação do homem estava presente nas estruturas sociais e nas atividades produtivas e reprodutivas de maneira que o gênero feminino, ou o dominado, introjeta o ponto de vista do dominante.

O processo de industrialização, as mudanças nas relações de trabalho e o êxodo dos trabalhadores rurais para os centros urbanos aceleraram as transformações na década de 70. Ao mesmo tempo, estes centros geravam as despesas com água, luz, gás, impostos, aluguel, transporte e os salários nem sempre acompanhavam esse ritmo. Essa nova realidade impelia a mulher para o trabalho fora de casa na busca pelo complemento da renda familiar, confrontando com a vontade masculina de que a mulher fosse responsável pelo lar e família.

Neste cenário, ganhava mais visibilidade a mulher que tomava para si a criação dos filhos e que, ao chegar do trabalho, também preparava o jantar, lavava roupa, cuidava dos filhos e marido. Mesmo reconhecida como força de trabalho no mercado, a mulher ainda estava sujeita à exploração e dominação masculina. Esta “maior” independência não queria dizer o fim dessas desigualdades entre homem e mulher.

## 2 - OS 53 PROCESSOS DE SEPARAÇÃO

É nosso interesse dirigir o foco das luzes na direção de Cataguases a fim de iluminar o universo das mulheres cataguasenses separadas dos maridos na década de 1970, revisitando a cidade modernista, tentando compreender como essa modernidade lidava com a mulher comum. Utilizaremos termos encontrados nos autos do processo como maus tratos, humilhações diante de estranhos, injúrias graves à dignidade, sevícias, ameaça de morte, espancamento e privação material.

Assim, é fundamental compreendermos o significado da expressão “largada pelo marido”, uma vez que o estigma da mulher separada tornou-se uma marca, definida no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004, p. 829) como “aquilo que marca, uma cicatriz ou marca vergonhosa”. Entretanto, é preciso compreender os processos sociais e culturais de cada época, e como eram tratados os dilemas morais quando se quebravam as relações matrimoniais na década de 70 em Cataguases.

Neste estudo, a mulher “largada pelo marido” pode ser compreendida como “uma marca que diferencia, que inferioriza”. Para Virgínia Moreira e Dílcio Guedes (2007, p. 72), a mulher separada era vista como falida, submissa e discriminada. Além disso, a desestruturação de sua vida pessoal e emocional, marcada pela vergonha e sentimento de incompetência diante de seu papel de mulher casada, tornavam mínimas suas possibilidades de recomeço.

Em nossa sociedade, a reputação de “mulher separada” não lhe permitia arranjar emprego. Mary Del Priore (2005, p. 295-6) anotou que essa mulher era assediada por homens solteiros e casados. As outras se afastavam, pois tinham ciúme do marido. Assim como relata a senhora M1, separada do marido nano período histórico que abordamos:

Fui apontada assim, não conseguia trabalhar em lugar nenhum. E mulher largada do marido era vista... como prostituta, e no meu lugar foi assim, cê trabalhar em casa de família, né, que era o emprego mais comum que você conseguia... as mulheres tinha ciúme e era muito difícil mesmo (Entrevista concedida em 18/09/2010).

Mesmo que a separação do casal fracassado possa ser compreendida como um sinal de mudança nas relações maritais entre homens e mulheres, o que se confirmava era um desarranjo na vida da mulher e da família. Responsável pelo lar, seu tempo precisava ser dividido de maneira que pudesse realizar suas atividades de dona de casa, o cuidado com os filhos e o trabalho fora de casa.

Nesse aspecto, a falta do provedor para ajudar no sustento dos filhos talvez fosse mais sentida do que a ausência do companheiro em si. A vida longe do marido exigia que o tempo fosse reorganizado de maneira que pudesse se dedicar a uma atividade rendosa e assegurar o arrimo da família, enquanto o tempo se tornava escasso para cuidar de si e da prole.

No final dos anos 50, ainda prevalecia a ideia de que:

Criaturas opostas, biológica e psicologicamente, homens e mulheres eram vistos como ‘meros reflexos de suas posições físicas no amor: um procura, domina, penetra, possui; a outra atrai, abre-se, capitula, recebe’. Os mais diversos discursos sobre a família e o casal – literários, médicos, religiosos e jurídicos – decretam que é no lar, no seio da família que se estabeleciam as relações sexuais desejadas e legítimas, classificadas como decentes e higiênicas (SOIHET, 2006, p. 253).

De acordo com Rachel Soihet (2006), não bastasse isso, a mulher deveria se conservar bela, saudável e encantadora como forma de tirar de seu caminho o assustador e desonroso divórcio. O homem a favorecia com proteção e a ascensão social, ao passo que, permanecer solteira era considerado um fracasso para a mulher, “ficar para tia”, equivalente a declínio social, enquanto a boa esposa era a mulher bondosa que adivinhava os desejos do marido e suportava com resignação as fraquezas de caráter que ele apresentava.

Na década de 1960, novos protagonistas ganharam lugar na história como objeto e sujeito, como camponeses, escravos, pessoas comuns e, é claro, as mulheres. Especialmente no caso das mulheres pobres e analfabetas, a situação era grave no que diz respeito à falta de documentos e registros escritos. No entanto, os documentos policiais e judiciários permitem que retiremos, ainda que parcialmente, o véu que encobre esse cosmo desconhecido conforme narrou Rachel Soihet:

A sua utilização revela-se fundamental para podermos nos aproximar do cotidiano de homens e mulheres das classes populares. Constituem uma das poucas alternativas nesse esforço de desvendar as preocupações e táticas

relativas à sobrevivência, crenças, às aspirações, aos conflitos e solidariedades entre familiares, amigos, vizinhos; às expectativas e exigências quanto ao relacionamento afetivo, enfim, às regras que norteavam sua existência e conformavam sua cultura (SOIHET, 2006, p. 364).

O senso comum descrevia a mulher de roça como humilde e sem iniciativa, mas alguns processos judiciais mostraram que, incentivadas pela família e pessoas próximas, ela lutou por direitos, para garantir o sustento dos filhos, deixando em segundo plano a preocupação em ter um companheiro, aquele que a completaria e a faria feliz para sempre.

Os meios de comunicação, como a televisão e as revistas especializadas no universo feminino já adotavam um novo vocabulário para falar de sexualidade embora fizessem uso de expressões neutras para referir ao sexo. Nas relações conjugais, os maridos já não se comportavam como proprietário de suas mulheres. Mary Del Priore (2005, p. 302), em *História do amor no Brasil*, afirma que “[...] um marido violento não era mais o dono de ninguém, apenas um homem bruto”.

No entanto, em Cataguases, esta assertiva não se confirmava plenamente. Os processos de separação analisados revelaram cinco casos de mulheres que sofriam maus tratos. As mulheres ainda padeciam com o comportamento possessivo masculino. Dona M2 afirmou que “continuará convivendo com ele por causa dos filhos”. Estava disposta a suportar as humilhações, vícios, traições, maus tratos e privações desde que ele não a agredisse fisicamente.

Nos processos que envolviam confrontos entre marido e mulher, os homens diziam que as esposas não cumpriam os deveres domésticos. Nos casos em que as contendas implicavam a guarda das crianças e pensão, as acusações seguiam uma linha em que as mulheres alegaram, antes de tudo, que seus maridos não sustentaram a casa e os filhos, em segundo lugar, os maus tratos, conforme relatou uma de nossas entrevistadas, aqui denominada M3 em entrevista realizada em 17 de outubro de 2010:

A gente chegou a conclusão que tava tão difícil, tão difícil a convivência e os filhos foram crescendo naquele ambiente de muita briga, muita violência, muita pancadaria, sabe? Muitas vezes eu sofri muito hematoma, muitos machucados... Inclusive eu estava grávida do meu último filho, sofri uma... ele foi bater no menino acertou em mim, sabe e deu um hematoma enorme. Uma coisa medonha, sabe... (BT-CAT-CV-7420).

Conforme anotamos, a mulher alegava maus tratos e espancamento, entretanto, o relato jurídico perpetua a cultura daquela época, a ideia dominante no que se refere ao comportamento da mulher, ao seu papel social e na família.

O objetivo desse estudo não é analisarmos todas as nuances que envolvem as relações de poder, no entanto, é fundamental traçarmos algumas considerações de como o discurso jurídico e das instituições repercutiu na vida cotidiana das mulheres separadas do marido na Cataguases setentista.

Cláudia Fonseca (2006, p. 511), alerta que ainda que a mulher fosse até o poder judiciário exigindo direitos e o fim dos maus tratos, ela era atendida por homens. Assim, sua “queixa” passava pela interpretação e discriminação do olhar masculino: os documentos eram redigidos por juizes, promotores, advogados, oficiais de justiça que receberam a educação machista que perpetuava seu poder, além de ser protegido pela legislação. Em alguns casos, as queixas poderiam ser simplesmente negligenciadas.

Naquela década, as manifestações da discriminação podiam ser observadas nos sistemas educacional, cultural, religioso, jurídico, moral e político. Vale a pena transcrever um texto encontrado em um processo civil de separação escrito pela Justiça de Cataguases referente ao desquite de um casal que se uniu em 1960 e se separou em 1978. Nele, observa-se que a mulher era o braço direito do marido.

É princípio cristão e moral quase universal o fato de a esposa ser o braço direito do marido e, a ele somente proporcionar alegrias, não só nos momentos de ampla felicidade como também nas horas amargas. A suplicante por orgulho e desamor o abandonou sendo que para isso o esposo, carecedor de afeto de sua esposa como de seus filhos, em nada contribuiu (BR-CAY-1-CV-8312).

Às mulheres cabiam as tarefas que exigiam destreza e habilidade, executando apenas funções subalternas, profissões executadas preferencialmente por mulheres, como a manicura. Segundo o olhar masculino, essas profissões eram destinadas às mulheres que não tiveram condições de chegar até a universidade e àquelas que não o fizeram por aceitarem o discurso instituído de que, para elas, o melhor era o casamento.

Pierre Bourdieu (2003, p. 34) enfatiza o poder de dominação masculina ao afirmar que: “Inscrita nas coisas, a ordem masculina se inscreve também nos corpos, através de injunções tácitas, implícitas nas rotinas da divisão do trabalho ou dos rituais coletivos ou

privado. [...] A regularidade da ordem física e da ordem social impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres, assinalando-lhes inferiores [...].

Para Michel Foucault (1971, p. 4), a palavra possui verdade e importância e, por isso, já no século VI alguns poetas gregos entendiam que “[...] o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, ao qual era necessário submeter-se, porque reinava, [...] era o discurso que dizia a justiça e atribuía a cada um a sua parte [...]”. Esse poder do discurso da justiça está presente nos processos judiciais da década de 1970 em Cataguases.

À luz dos estudos desenvolvidos por Foucault, inferimos que os enunciados presentes na linguagem jurídica dos anos 70, produziram efeitos naquela sociedade. Retomando o pensamento do filósofo “[...] o que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 1979, p. 8).

Cabe aqui citar Helena Brandão (2006, p. 37) que também empregou o pensamento foucaultiano para explicar o poder do discurso dentro das instituições. Segundo ela, a elaboração do discurso do qual nasce o poder é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por meio de procedimentos cuja função é eliminar qualquer ameaça à continuidade desse poder. Além disso, “[...] o discurso não pode ser analisado somente em seu aspecto linguístico, mas como jogo estratégico de ação e de reação, de pergunta e resposta, de dominação e de esquiva e também como luta”. O fato dessas mulheres procurarem seus direitos junto à justiça configura uma atitude de luta para romper com o poder opressor seja da própria justiça, seja do marido infiel ou violento.

Outro ponto de convergência entre o estudo apresentado por Cláudia Fonseca (2006) e este que ora empreendemos foi que a maioria das pessoas que recorriam à justiça para resolver suas disputas pela guarda dos filhos fazia parte de camadas sociais mais modestas. Situação semelhante foi encontrada ao examinarmos os processos de desquite que deram entrada no sistema judiciário de Cataguases na década de 1970.

É importante lembrar que o acesso aos níveis mais elevados de instrução continuava sendo privilégio de mulheres pertencentes às classes de maior poder aquisitivo. Para as mulheres de classe baixa, persistiam a ausência de instrução e o trabalho que garantia apenas a sobrevivência, conforme relatado por três das cinco entrevistadas para esse trabalho.

Em 1978, uma ação de desquite proposta pelo marido tinha como principal queixa a de que quando mais precisou da assistência da esposa \_ por motivo de doença \_ esta abandonou o lar. O reclamante foi contemplado com o apoio da lei com o seguinte pronunciamento:

[...] que a conduta da mulher não merece acolhimento moral e pode ser enquadrada no qualificativo desonrosa e quebra dos deveres conjugais tornando impossível futura vida em comum, pois promoveu a desonra com a saída do lar, violação dos deveres conjugais (CDH, 2009, BR-CAT-1-CV-8431).

Cláudia Fonseca (2005, p. 513), também destacou a tendência de historiadores que separam as mulheres em categorias binárias: santas ou demônios, donas-de-casa ou prostitutas. Por fim, criticou aqueles que escreveram sem perscrutar os movimentos realizados pelas relações sociais que perpassam os dois pontos distantes.

Esse pensamento estava presente também na sociedade cataguasense, conforme pode ser observado no processo de desquite de um casal em que a mulher “[...] parecendo perturbada, começou a maltratar o marido com sevícias, injúrias, tentativa de morte, atirando pedra, insuflando os filhos contra ele [...] e se furta ao ‘débito conjugal’” (CDH, 2009, BR-CAT-1-CV-8431).

No entanto, Roger Chartier (2002, p. 95), apresentou uma nova perspectiva de estudo para a questão da sujeição feminina comentando que dentro das representações do poder pode haver “[...] uma história da aceitação ou da rejeição pelos dominados dos princípios inculcados, das identidades impostas que visam a assegurar e perpetuar seu assujeitamento”. Para explicar essa ideia de aceitação da violência, Chartier comentou:

[...] a construção da identidade feminina enraíza-se na interiorização, pelas mulheres, de normas enunciadas pelos discursos masculinos. Um objeto maior da história das mulheres é, pois, o estudo dos dispositivos, desenvolvidos sob múltiplos registros, que garantem (ou devem garantir) que as mulheres consintam nas representações dominantes da diferença entre os sexos: a inferioridade jurídica, a inculcação escolar dos papéis sexuais, a divisão das tarefas e dos espaços, a exclusão da esfera pública, etc ...as representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, inscrevem-se nos pensamentos e nos corpos de ambos, delas e deles (Id., Ibid., 2002, p. 96)

Roger Chartier (2002, p. 96) enfatizou que a incorporação da dominação é também uma ferramenta que a mulher utiliza como arma para resistir às normas e modelos masculinos, seja na esfera social ou sexual, uma vez que a diferença entre sexos foi erguida sobre os

discursos que a fundam e a torna legítima perpetuando tanto a submissão de umas quanto a dominação dos outros.

De acordo com Pierre Bourdieu, essas relações de exploração só dão bons resultados porque “são suaves”:

São relações de violência simbólica que só podem se instaurar com a cumplicidade daqueles que a sofrem, como as relações domésticas. O dominado colabora com sua própria exploração através de sua afeição e de sua dominação. (PIERRE BOURDIEU, 2001, p. 181).

Nos processos analisados, verificou-se que apenas duas eram funcionárias públicas, outras duas eram comerciárias, uma era industriária. Em dois casos, não há registro de profissão e duas, depois de desquitadas voltaram a estudar e se tornaram professoras. As outras 44 mulheres não trabalhavam fora de casa à época da separação, o que representa 83% do universo de 53 mulheres pesquisadas nos processos civis de separação. O ouvido mais atento poderá ouvir as queixas que iam desde a dificuldade de renunciar àquela vida por medo de quebrar os códigos sociais ou por medo de perda da própria liberdade. Para complicar mais as coisas, geralmente o marido era quem provia as necessidades da casa e alguém a quem ela devia ser submissa.

Esses números talvez possam ser explicados pelo comentário de Mary del Priore sobre influências nas primeiras décadas do século XX, em que o Código de Processo Civil de 1916 orientava as leis que insistiam na indissolubilidade do casamento, considerando a mulher incapaz de

[...] exercer certos atos e se mantinha em posição de dependência e inferioridade perante o marido. Igualdade entre homem e mulher, nunca. Ao marido, cabia representar a família, administrar os bens comuns e aqueles trazidos pela esposa e fixar o domicílio do casal. Quanto à esposa, bem... ficara ao nível dos menores de idade ou dos índios. [...] nem trabalhar a mulher podia sem permissão do marido. Autorizava-se o uso da legítima violência masculina contra excessos femininos (DEL PRIORE, 2005, p. 246).

De acordo com a autora, a Igreja Católica julgava desonrada a mulher que trabalhasse fora de casa, desprezando seus deveres de educadora dos filhos e cuidadora do lar e do marido. Afinal, estes afazeres eram vistos como um “dom natural”:

Devem educar seu filho e ajudar seu marido e este é o seu sucesso. Ela era indispensável. Era a fonte de felicidade pessoal da mulher brasileira da época estavam alinhados ao seu lar e aos cuidados e suporte físico e emocional que ela dedicava ao marido e aos filhos. Sua obediência a esses padrões de comportamento e o fazer e refazer de suas tarefas vão desempenhar papel preponderante. A paz resultaria da aceitação e conformidade a este papel social estabelecido (ROCHA-COUTINHO, 2000, p. 85).

Essa tirania exercida pelo marido e sociedade causava sérios danos à sua autoestima. Mesmo que se arriscassem a exercer uma atividade fora de casa, esta era subestimada, além do que, na maioria dos casos, a mulher tinha baixa escolaridade. No caso de dona M1, havia dois outros agravantes: o ciúme doentio e a falta de alguém com quem deixar as filhas. Nos anos 70, em Cataguases, havia pouquíssimas creches.

Na sociedade cataguasense dos anos 70, nos processos de separação estudados foi observado que uma pequena parte das mulheres se dedicava a uma ocupação assalariada com predominância de professoras, comerciárias e funcionárias públicas, atividades e espaços femininos que exigiam um temperamento manso e paciência, como aquele que era dedicado ao homem e filhos. Enfim, a mulher precisava ser agradável e servir bem.

Para o ingresso nas indústrias têxteis, era necessário ter concluído a 4ª série, o que reduzia sua carreira a serviços como o de doméstica, profissão que naquela década não possuía legislação regulamentadora. Além disso, sofria discriminação das amigas que se sentiam ameaçadas ao considerar que elas não hesitariam em seduzir seus maridos. Do mesmo modo, as patroas viam nas domésticas uma ameaça ao seu casamento, conforme revelado nas conversas com dona M1:

E ele foi matar o frango pra mim e parece que a mulher achou que ele demorou na cozinha e sei que depois eles começaram numa “brigaiada”. Eu não sei se eles já brigavam mesmo e eu achei até que ela brigou por causa de mim e eu fiquei muito sem graça também. [...] Naquela época não tinha frango, né, congelado. E aí né ela falou que ele mataria e mandou ele [...] ela mesmo mandou que ele fosse, e ele foi. Quando ele entrou, saiu da cozinha e foi lá pra dentro eles se atracaram numa briga de discussão, então eu entendi que a briga foi ciúme, mas também não tenho certeza não. E aí né ela me mandou embora, também não sei se foi isso, se eu era ruim de serviço [...].

Ao observarmos os 12 casos de abandono do lar pela mulher encontrados nos processos, destacamos três que sofreram maus tratos; em outro, queixas sobre abandono e adultério por parte do esposo. Merecem destaques os casos descritos nos autos dos processos judiciais em que a esposa afirmou ter sido “obrigada a se abrigar em casa de sua mãe” (BR-CT-2-CV-7985). Em outro caso, a mulher alegou que “foi obrigada por causa dos maus tratos” (BR-CAT-1-CV-8312).

A Lei n. 5478 de 25 de julho de 1968, determinava que a mulher voltasse a assinar o nome de solteira em seus documentos depois da separação judicial, portanto, não era uma exigência feminina. A partir da cerimônia de casamento realizada no cartório civil, a mulher tirava de seu nome o sobrenome do pai que era substituído pelo último sobrenome do marido. Com isso, sua certidão de nascimento perdia o valor, sendo substituída pela certidão de casamento. A princípio, essa exigência faz pensar que era a vontade da mulher recuperar sua identidade, entretanto, pode indicar também que era uma proteção ao ex-marido que não queria ver seu nome associado ao de uma mulher sozinha.

Mary del Priore (2005, p. 295), salientou que desde a década de 1940 a dissolução do casamento trazia junto o preconceito e os “desquitados de ambos os sexos eram vistos como má companhia”, contudo, para as mulheres o sofrimento era maior. De acordo com a autora, as bem casadas fugiam ao contado com elas e qualquer deslize podia significar a perda da guarda dos filhos. Esta situação ainda se repetia em Cataguases na década de 1970, conforme pudemos verificar no depoimento da senhora M1. Ela relatou que:

Todo homem que eu conversava ele falava que era meu namorado. Fui muito humilhada, mais nessa parte financeiramente porque eu não queria pedir pensão. Depois de um ano que eu tava passando muito sufoco com minhas duas filhas estudando e o pai ficou sem visitar durante um ano e depois que eu resolvi pedir pensão. Ficou o preconceito de mulher separada e nem de doméstica eu conseguia emprego. Eu mesma parecia que, ia preocupada com aquilo de preconceito da mulher separada (Entrevista concedida em 18/09/2010).

Aqui retomamos o pensamento de Roger Chartier (2002, p. 96), que entendeu as “representações da inferioridade feminina incansavelmente repetidas” e inculcadas em seus pensamentos e corpos.

Foram registrados três casos de adultério feminino, entretanto um deles foi negado pelas testemunhas apresentadas pela mulher. Nos autos encontramos expressões como “sepultura moral” e a “mulher deixou o lar para viver sua vida independentemente”, referindo-se à mulher que tinha muitos parceiros e à que cometia adultério. Ainda segundo o que consta nas peças dos processos, a “[...] conduta da mulher não merece acolhimento moral e pode ser enquadrada no qualitativo desonrosa e quebra dos deveres conjugais, tornando impossível a vida em comum” (BR-CAT-1-CV-8431).

Mary Del Priore lembrou que as esposas infiéis sofriam duras críticas, chegando, às vezes, a serem punidas. Além disso, a infidelidade da mulher significava o mesmo que o péssimo instinto de mãe. Segundo a autora “[...] a mulher adúltera não possui habilidade para ser uma mãe” (DEL PRIORE, 2005, p. 295).

Foram encontrados 19 casos em que a separação se deu por mútuo consentimento. Ainda que nestes processos demonstrem que houve o acordo, isto é, o consentimento de ambos os cônjuges, por outro lado, neles foram registradas observações em que o marido não daria pensão à família; situações em que a mulher se manteria sem a ajuda do cônjuge; o pai poderia visitar regularmente os filhos. Em cinco casos em que o casal possuía bens, estes foram compartilhados com a preservação dos direitos dos filhos.

A queixa de abandono do lar pelo homem, nos 14 casos observados, as queixas femininas são também de maus tratos, além do pedido de pensão alimentícia. Em algumas situações, a ação de desquite foi pedida cumulada com a ação de alimentos, o que evidencia que eram significativas as necessidades materiais, isto é, a família ficou “à míngua de recursos”.

Com relação a esta determinação, verificamos que a obrigação de pagamento de pensões alimentícias nem sempre foi cumprida. O pagamento era regulamentado pela Lei 5478 de 25 de julho de 1968, que orientava as decisões judiciais. Dos casos em que o marido ficou obrigado pela justiça de pagar a pensão para a manutenção e sustento dos filhos, dez deixaram de fazê-lo, contrariando “os propósitos da lei alimentar, pois seu uso tutela de forma imediata os interesses do demandante necessitado” (BRASIL, L. 5478/68, art. 5º, §1º).

De acordo com essa lei, ambas as partes deveriam comparecer acompanhadas por suas testemunhas. O não comparecimento do réu implicaria no seu julgamento à revelia, isto é, o juiz lavraria a sentença, uma vez que ausência era considerada uma confissão de culpa. No entanto, se a mulher “remaridar” ou passar a viver com outrem ela perderia a pensão de alimentos, continuando apenas aquela destinada à manutenção dos filhos.

No Brasil, o não pagamento de pensões alimentícias aos filhos é a única situação em que a sentença de prisão é rigorosamente cumprida. Nos casos desses processos, observamos que a mulher, embora tivesse nas mãos todos os dispositivos legais para mandar prender o marido, ela recuava, retirando a acusação ou mesmo optando pela separação consensual.

Anotamos o caso de um processo litigioso movido por uma senhora contra o marido, em 1974. A autora, depois ter decretada a prisão do marido, pediu o arquivamento do caso e que ele não fosse preso, mas que seus filhos “não poderão alegar que o não pagamento se deveu à inércia da mãe” (BR-CAT-3-CV-7785). Presumimos que a mulher declinou para proteger sua integridade e a dos filhos, assim como evitar os comentários maldosos no meio em que vivia.

Nosso estudo aponta que, dos 43 desquites ora estudados, do período que compreende 1970 a 1979, época em que estava em vigor a Lei 5.478 que regulamentava o desquite, quatro mulheres voltaram a recorrer à justiça para pedir o divórcio que podia ser conseguido depois de dois anos de separação de fato. A partir de 1977, a Lei 6.515 de 26 de dezembro complementou a lei anterior e processos de separação. A nova legislação extinguiu o desquite e instituiu o divórcio de modo definitivo. Duas mulheres tinham como objetivo legitimar novas uniões. Estes desquites foram convertidos em divórcio.

Nas cinco entrevistas realizadas, todas as mulheres afirmaram que a mulher de hoje não sente tanto medo de enfrentar o marido opressor, pois está amparada principalmente pela Lei 11340/06, conhecida como Lei Maria da Penha, homologada nos termos do § 8º do art. da Constituição Federal de 1988 (2004, p. 154). Nela está determinado que “[...] o Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações”. Entretanto, ainda estamos longe de resolver os problemas enfrentados por uma família erguida sobre as bases do discurso masculino.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora persista um certo grau de desconhecimento do homem em relação à mulher, o grande desafio para o século XXI é que homens e mulheres aprendam a igualdade e o amor. Se a mulher tem seu modo feminino de ser, de comportar e enfrentar o mundo, é importante lembrar que, assim como a mulher tinha o seu papel a desempenhar, os homens também não estão livres de seu estereótipo construído pelo discurso social.

Atualmente, a mulher não é mais considerada apenas o “anjo do lar”. Mesmo que tenha tido sua independência tardia e sua identidade fatiada em mãe, filha, mulher, esposa e profissional, isto não faz dela escrava ou heroína, mas um ser humano de valor.

Analisando os dados obtidos no presente estudo e correlacionando-os com as informações extraídas da literatura, depoimentos e processos analisados, observamos que o clima de efervescência cultural que Cataguases ainda vivia naquela década teve pouca influência, ou influência indireta na vida daquelas mulheres que concentravam sua energia e atenção em obter meios de subsistência para si e os filhos.

As atividades desempenhadas por essas mulheres eram subestimadas e mal remuneradas. Sua baixa escolaridade e a falta do companheiro e provedor ao seu lado dificultavam a assimilação da riqueza cultural que a rodeava, já que dividia o tempo entre as lides domésticas, o trato com os filhos e o trabalho.

Impossível pensar que a vida dessas mulheres não tenha sido afetada pela estrutura pública e o momento histórico. Entretanto, se o processo modernista foi determinante na plasticidade da cidade, sua influência não alcançou as relações sociais e familiares onde prevaleciam os valores tradicionais. Essa modernidade foi introjeta pela elite privilegiada e responsável por sua chegada a Cataguases.

Há muitas histórias nas entrelinhas dos autos dos processos de separação que não serão escritas neste trabalho. Apesar das observações obtidas nesta investigação ainda há a necessidade de mais estudos sobre o assunto, considerando outros materiais, diferentes e, principalmente, estudos que avaliem a influência do contexto em que se dá o cotidiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Unesp, 1998.
- ALMEIDA, Odete Valverde Oliveira. *A disputa de grupos familiares pelo poder local na cidade de Cataguases*, práticas eleitorais, representação e memória. Dissertação apresentada Universidade Federal de Minas Gerais como requisito para obtenção do título de mestre em História. Belo Horizonte, 2004, p. 161.
- BETTE, Anicézia Romanhol. *Totem*, um acorde literário, suplemento cultural de Cataguases na década de 1970. Cataguases: Fundação Comunitária Educacional de Cataguases, 2009.
- BOSI, ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2 ed. São Paulo: TAQ/Edusp.
- BOURDIEU, Pierre. A economia dos bens simbólicos. In: *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 3 ed. Campinas: Papirus, 2001, p. 157-197.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2006, p. 7-37
- BRASIL. Lei 5478, de 25 de julho de 1968. Dispõe sobre a ação de alimentos.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 15ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.
- BRASIL. Lei 11, de 7 de agosto de 2006. Lei Maria da Penha. Mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.
- BURKE, Peter. Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: \_\_\_\_\_. (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. 2 ed. São Paulo: Unesp, 1992, p. 7-37.
- CHARTIER, Roger. Lutas de representações e violências simbólica. In: \_\_\_\_\_. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Porto alegre: ed. Universidade/UFRGS: 2002, p. 94-97.
- COSTA, Ricardo da. O conhecimento histórico e a compreensão do passado: o historiador e a arqueologia das palavras. *Revista em foco: Série Outros Tempos*. São Luis, UEMA, v. 1, n. 1, 2004.
- PRIORE, Mary del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FIGUEIREDO, Luciano. Mulheres nas Minas Gerais. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2006, p. 141-188.
- FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2006, p. 510-553.
- \_\_\_\_\_. Verdade e poder. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 1-14.
- JENKINS, Keith. *A História repensada*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- LANZIERI JÚNIOR, Carlile; FRADE, Inácio. (orgs) Do óleo das telas ao óleo das máquinas: novas considerações acerca da vocação cultural de Cataguases. In: \_\_\_\_\_. *Muitas Cataguases: novos olhares acerca da história regional*. Juiz de Fora: Editar, 2006, p. 81-93.
- MOREIRA, Virgínia; GUEDES, Dilcio. Largada pelo marido! O estigma vivido por mulheres em Tianguá-CE. *Revista Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 12, p. 71-79, jan./abr. 2007.
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, 3 ed. Revista e atualizada. Curitiba: Positivo, 2004.
- PRIORE, Mary del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.
- RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary del. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 640-67.

REZENDE, Luís Antônio Paixão de. *Reforma administrativa: uma proposta de melhoria de desempenho funcional na prefeitura de Cataguases-MG*. Monografia apresentada à UFJF como requisito para obtenção do título de pós-graduação em Gestão Pública Municipal Integrada, 2010, p. 174.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia S. Silveira T. *História & documento e metodologia de pesquisa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*, novas perspectivas. 2 ed. São Paulo: Unesp, 1992, p. 63-95.

SILVA, Maria Aparecida Moraes. De colona a bóia-fria. In: PRIORE, Mary del. (org) *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2006, p. 554-577.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (orgs). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 275-296.

\_\_\_\_\_. Mulheres pobres e violência no Brasil urbano. In: PRIORE, Mary del. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto. 2006, p. 362-400.

VIGIL, José Ignacio López. **A entrevista**, Manual de comunicação n° 1. São Paulo: Aler-Brasil, 1986.

### **Arquivos e Instituições Pesquisadas**

Centro de Documentação História, CDH, do Instituto Francisca de Souza Peixoto.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2000, Cataguases: Estatística do Registro Civil de 2008.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico 2000, Cataguases: Escolaridade, 2008.

### **Fontes: Processos**

Centro de documentação Histórica do Instituto Francisca de Souza Peixoto – CDH

Processos da 1ª Vara de Família – Cartório do 1º, 2º e 3º Ofício. Todos os processos abaixo relacionados estão disponíveis para consultas no Centro de documentação Histórica do Instituto Francisca de Souza Peixoto, situado à Praça Manoel Inácio Peixoto, 96, centro, Cataguases-MG. Horário de atendimento de 13:00 h às 17:00, de segunda-feira à sexta-feira.

BR-CAT-3-CV-6890

BR-CAT-3-CV-7015

BR-CAT-3-CV-7021

BR-CAT-3-CV-7033

BR-CAT-3-CV-7034

BR-CAT-3-CV-7066

BR-CAT-1-CV-7235

BR-CAT-3-CV-7352

BR-CAT-3-CV-7353

BR-CAT-3-CV-7420

BR-CAT-1-CV-7432

BR-CAT-1-CV-7434

BR-CAT-3-CV-7436

BR-CAT-3-CV-7437

BR-CAT-1-CV-7440

BR-CAT-1-CV-7512

BR-CAT-1-CV-7519  
BR-CAT-3-CV-7602  
BR-CAT-3-CV-7603  
BR-CAT-3-CV-7605  
BR-CAT-3-CV-7607  
BR-CAT-3-CV-7609  
BR-CAT-1-CV-7612  
BR-CAT-3-CV-7667  
BR-CAT-3-CV-7668  
BR-CAT-3-CV-7693  
BR-CAT-3-CV-7731  
BR-CAT-3-CV-7733  
BR-CAT-1-CV-7734  
BR-CAT-3-CV-7737  
BR-CAT-3-CV-7607  
BR-CAT-3-CV-7769  
BR-CAT-1-CV-7773  
BR-CAT-3-CV-7785  
BR-CAT-1-CV-7790  
BR-CAT-3-CV-7791  
BR-CAT-3-CV-7794  
BR-CAT-3-CV-7806  
BR-CAT-1-CV-7807  
BR-CAT-3-CV-7817  
BR-CAT-1-CV-7886  
BR-CAT-1-CV-7887  
BR-CAT-1-CV-7925  
BR-CAT-1-CV-7973  
BR-CAT-3-CV-7979  
BR-CAT-1-CV-8005  
BR-CAT-1-CV-8018  
BR-CAT-3-CV-8057  
BR-CAT-1-CV-8220  
BR-CAT-1-CV-8221  
BR-CAT-1-CV-8273  
BR-CAT-2-CV-13846  
BR-CAT-2-CV-7985  
BR-CAT-1-CV-8274  
BR-CAT-1-CV-8305  
BR-CAT-1-CV-8431  
BR-CAT-1-CV-8474  
BR-CAT-1-CV-8273  
BR-CAT-1-CV-8308  
BR-CAT-1-CV-8313  
BR-CAT-1-CV-8319  
BR-CAT-1-CV-8420  
BR-CAT-1-CV-8439  
BR-CAT-1-CV-8441  
BR-CAT-1-CV-8450  
BR-CAT-1-CV-8472

## ANEXOS

### ENTREVISTA

- 1 – Gostaria que dissesse a data de seu nascimento. A senhora tem irmãos? Quantos?
- 2 – Como a senhora descreveria seu pai? E sua mãe?
- 3 – Gostaria que a senhora falasse um pouco do lugar onde passou a sua vida junto de sua família.
- 4 – A senhora estudou? Até qual série?
- 5 – Qual a sua profissão?
- 6 – Como foi a sua juventude?
- 7 – Como a senhora conheceu o seu ex-marido?
- 8 – Qual era a profissão dele?
- 9 – Vocês tiveram filhos? Quantos?
- 10 – Como era a convivência de vocês?
- 11 – Quem primeiro tomou a iniciativa de se separar? Por quê?
- 12 – Como transcorreu o processo?
- 13 – Como foi o recomeço de sua vida como mulher separada? E para os filhos?
- 14 – Nos anos 70 usava-se a expressão “largada do marido” para identificar a mulher separada do marido com a intenção denegrir, com sentido pejorativo. A senhora sofreu algum tipo de constrangimento por uma mulher separada do marido?
- 15 – A senhora trabalhava fora antes de se separar? A sua vida social (família, amigos, trabalho) foi afetada pela separação?
- 16 – Comparando aquela época com os dias de hoje o que a senhora acha que mudou para a mulher que se separa do marido?
- 17 – Com relação à separação e todas as atitudes que foram tomadas a senhora mudaria alguma coisa em sua vida?
- 18 – O que a senhora achou de contar um pouco da sua história?

## ENTREVISTAS

Entrevista realizada com M1 em 18 de setembro de 2010, às 18:00 h.

**Gostaria que a senhora dissesse data e local de nascimento.** Eu nasci em 17 de agosto de 1935. **A senhora tem irmãos? Quantos?** A minha família era muito grande, nós éramos nove irmãos. Cinco mulheres e quatro homens. Agora já morreram dois irmãos. **Como a senhora descreveria seu pai? E sua mãe? Gostaria que a senhora falasse um pouco do lugar onde passou a sua vida junto de sua família.** Meu pai era lavrador e nós íamos aonde ele encontrava trabalho. E nós moramos nas fazendas. Lembro de uma que nós moramos perto de Recreio e de Leopoldina. Eram muito bons, mas muito bravos. Minha mãe era mais brava do que meu pai. Batia muito na gente. Era uma vida muito difícil. Meu pai trabalhava na roça e na época da colheita minha mãe ia ajudar. As filhas maiores cuidavam dos irmãos menores. Passamos muita dificuldade. **A senhora estudou? Até qual série?** Quarto ano primário. **É, e qual era a sua profissão e a idade que você foi trabalhar fora?** A idade que eu fui trabalhar fora foi com 15 anos. Agora mas eu fiz o quarto ano primário também no Mobral. **A sua profissão era...** Tecelã. **Aí você trabalhou 7 anos lá na fábrica de tecido, né? E como é que você conheceu o seu marido? Lá na fábrica. Qual era a profissão dele?** Era contra-mestre, tecelagem. **Vocês tiveram quantos filhos?** Duas filhas. **E como era a convivência de vocês? Péssima. Sempre foi péssima ou teve um período bom?** Desde o período do namoro. Desde o namoro foi péssima. Não precisa fazer muito comentário não, né? **Se você quiser... Quem tomou essa iniciativa da separação? Foi ele.. E por que?** Porque a gente já tava separados. Huum. Mas aí tem uma jogada. Por que eu.... A gente tava... desquitando. Quando a gente foi desquitar eu tava sem advogado porque o meu advogado era o... advogado público, e o dr. Tarcísio e ele tava viajando. E aí, né, o pai das minhas filhas, quis... desquitar porque ele não queria desquitar. Não tinha desquitado ainda porque ele não quis. Aí como ele viu que eu num (não sei se eu posso falar isso... que o dr. Tarcísio tava viajando eu falei com ele que eu não podia... desquitar porque eu não tinha advogado. Aí, ele falou que tinha que ser só naquele dia. Que outro dia ele não num ia desquitar. E ele ajustou um advogado particular. E eu fui né e não pus maldade em nada também não teve problema. E porque a gente não combinava, tava péssima a convivência e as meninas tava sofrendo também as consequências das brigas, e muita pressão. E aí eu fui pra lá né e separei. Assinei o

desquite. **Como transcorreu o processo? Nisso, o promotor, o advogado chegou também e te orientou.** Não, não chegou. Não chegou. E foi feito o desquite. E foi só entre nós dois e ele com o advogado particular. **E você sem advogado?** Eu tinha, mas não tava. Mas eu fui... Mas eu fui boba. Porque ele me obrigou a ir. Obrigou e não obrigou, né. Obrigou porque ele falou que só ia aquele dia. Eu senti que eu tinha necessidade. **Mas não tinha nenhum representante da justiça do seu lado não? Não. Na frente do juiz? Não. Foi só você, o seu marido, o juiz e o advogado dele?** Não teve juiz. (NESSE PONTO EU INSISTI PORQUE ACHEI QUE PODIA TER ALGO ERRADO. PORÉM, ELA ESTAVA SE REFERINDO À PETIÇÃO INICIAL QUE É FEITA SOMENTE ENTRE O CLIENTE E O ADVOGADO. NÃO TINHA SABIA COMO SE DÁ UM PROCESSO JUDICIAL.) **Mas tem que ter audiência. Um processo é todo assim, recolhem os documentos, certidão de nascimento dos filhos, de casamento.** Ah, essa época não tinha. Parece que não tinha. Não teve. Porque ele conversou com nós dois e fez. **Ele quem? O dr. Teodósio. E quem era o dr. Teodósio?** Ele era advogado da família, já era advogado do Waldemar (irmão do marido da senhora M1). **Ah, advogado do seu marido... Mas, olha só: pra fazer um processo o juiz chama, tem as audiências de conciliação, pergunta se você tem certeza que você quer desquitar, o outro também pergunta, responde também. Tem essa audiência de conciliação. Aí se não tiver consenso, então vamos separar mesmo, de fato.** Aí eu tive. Mas ele não quis. Quando o juiz falou isso, ele não quis, falou que não ia desquitar. **Mas como é que foi feito o desquite?** Aí eu fui só eu e ele lá com o dr. Teodósio fez. **Na frente do juiz? Não, não tinha juiz. Aí ele fez o documento e você assinou. É. Eu queria saber naqueles anos 70 que a gente tá falando, dos anos 70 que você desquitou? Hãhã? Não lembra o ano, não né? 73-74? Hãhã?, não. Por aí. Certo. Então eu queria te perguntar se era comum aquela expressão “largada do marido”?** Naquela época, a mulher quando separava do marido era comum ser apontada assim “olha lá, aquela lá é largada do marido”. Não estou escutando. **Você foi apontada assim?** Pra mim foi demais. Fui apontada assim, não conseguia trabalhar em lugar nenhum. E mulher largada do marido era vista como prostituta, e... no meu lugar foi assim, trabalhar em casa de família, né, que era o emprego mais comum que você conseguia, as mulheres tinha ciúme e era muito difícil mesmo. **Ciúme?** Dos maridos. Tinha ciúme dos maridos. E aí né, eu sei que trabalhava poucos dias e era mandada embora. Não chegava nem um mês e eu era mandada embora. Eu ainda tive uma historiazinha que eu vi uma briga do marido com a esposa e porque eu num... naquela época a gente matava frango e aí eu não matava, aí ele foi pra cozinha né matar o frango e ele, e ele era muito bonzinho, deve ser até hoje, né. E ele foi matar o frango pra mim e parece que a mulher achou que ele demorou na

cozinha e sei que depois eles começaram numa “brigaiada”. Eu não sei... se eles já brigavam mesmo e eu achei até que ela brigou por causa de mim e eu fiquei muito sem graça também.

**Porque ele foi te ajudar.** É. Ele tinha que ir. **Eles brigaram porque... você acha que eles brigaram porque ele foi te ajudar.** Não. Eu acho. Eu não vi. Eu só vi na hora que ele foi pra dentro eles dispararam a brigar. **Sim, então você entendeu que ela brigou com ele porque ele foi te ajudar.** Oh, ele foi matar o frango, ele não foi me ajudar. Foi matar o frango porque eu não matava. Naquela época não tinha frango, né, congelado. E aí, né, ela falou que ele mataria e mandou ele, ela mesmo mandou que ele fosse, e ele foi. Quando ele entrou, saiu da cozinha e foi lá pra dentro eles se atracaram numa briga de discussão, então eu entendi que a briga foi ciúme, mas também não tenho certeza não. E aí né ela me mandou embora, também não sei se foi isso, se eu era ruim de serviço... e...eu sei que não conseguia. E eu ia nas casas... e era trabalho escravo. Não tinha hora de começar nem parar. É... o Edgar Machado Borges com a mulher dele era boazinha, tratava a gente com muito carinho, mas ela era.... escravizava a gente que eu trabalhei lá limpei até chaminé de fogão de lenha. Tinha fogão de lenha, aquela mansão lá até hoje e chegava coisa da fazenda eu ia descascar milho, ia... fazer doce daquelas frutas tudo que trazia da fazenda. Na época de milho verde ia fazer mingau de milho verde, e aí era, né, da manhã à noite; até que... nem sei se dava folga no domingo. **Você dormia lá?** Dormia lá. Nem em casa eu ia. E aí não aguentei também não. Aí não aguentei. Aí, né, trepei na escada, fui lá em cima da chaminé limpar a chaminé. Fiquei toda preta de picumã. **Como foi o recomeço da sua vida depois da separação, né, você uma mulher separada, como foi isso pra você e seus filhos?** Aí eu passei muito sufoco porque ele, né, me ...continuou me pressionando. E falava que ia me tomar vocês. Pode falar essas coisas? **Pode.** Falava que ia me tomar vocês. Falava que ia sumir pra lá com vocês... Falava que ia arrumar testemunha pra me tirar a guarda de vocês porque eu fiquei com a guarda de vocês. Ia... me tirar a guarda de vocês. E eu ficava... no maior sufoco. E quando ele chegava pra visitar vocês eu não sabia o que fazia com medo dele sumir com vocês e... Mais o quê? E era muita perseguição dele. Que nós não... **Isso aí é depois do desquite, né?** Continuou a mesma coisa. Ele continuou a mesma coisa. **Aí você vivia aonde com as suas filhas? Quando você trabalhava como suas filhas ficavam?** É, com a sua avó, quando eu trabalhava. Aí depois eu entrei pra Manu, né. **Aí você morava com a sua mãe, então?** Morava com a minha mãe. Aí, depois eu aluguei essa casa aqui, cê lembra, né? Pra ficar com o aluguel pra inteirar, porque ele me dava é 3% de pensão e com duas filhas estudando, eu quase que não podia comprar material, mas ele ajudou muito foi no material escolar. Material escolar ele comprava por fora e fornecia pra vocês, os livros, cadernos... Aí que ele ajudou vocês fazer até o terceiro ano, né, segundo grau, terceiro.

É. E aí ele ajudou. E aí ele dava. Aí uma vez ele tinha comprado tudo ele resolveu tomar, lembra? Precisa falar isso não, né? **Se quiser falar pode falar, agora eu não posso dar opinião, não posso interferir na sua resposta. Fique à vontade.** Aí uma vez ele deu, mas ele tinha muito ciúme continuou com ciúme demais. Ameaçando tomar vocês. E ele comprou... E aí teve um ano, ele fez a compra de material escolar. Depois pegou tudo de novo porque ficou com raiva de mim não sei porquê. E falou que ia levar pra São Paulo e dar pras crianças lá. Até que vocês choraram, né. Iara chorou muito, né, que... (pausa) **Então, quando você separou, você morava com a sua mãe e ele morava em São Paulo, trabalhava em São Paulo.** É... Mas aí continuou as brigas a mesma coisa. Não adiantou nada. Nem depois de desquitar, nem antes que ele não queria desquitar, desquitou continuou a mesma coisa. Todo homem que eu conversava ele falava que era meu namorado. Fui muito humilhada, mais nessa parte financeiramente porque eu não queria pedir pensão. Depois de um ano que eu tava passando muito sufoco com minhas duas filhas estudando e o pai ficou sem visitar durante um ano e depois que eu resolvi pedir pensão. Ficou o preconceito de mulher separada e nem de doméstica eu conseguia emprego. Eu mesma parecia que, ia preocupada com aquilo, preconceito da mulher separada. **Comparando aquela época com os dias de hoje o que a senhora acha que mudou para a mulher que se separa do marido?** Muito diferente. É diferente. Até pelas autoridades eles já era a favor mesmo dos homens. Hoje em dia eu acredito que tem é muito mais fácil, acabou muito o preconceito, é muito pouco pode dizer que não existe. **Com relação à separação e todas as atitudes que foram tomadas a senhora mudaria alguma coisa em sua vida?** Mudaria. Pediria a pensão mais rápido. Eu não teria passado tanto sufoco com discriminação. Com relação a não ter pedido a pensão eu fiquei numa posição muito ruim, discriminada também por não ter nada. Aí fui mais discriminada ainda. Se eu tivesse dinheiro e bancasse tudo. Fui morar com a minha mãe... E meu pai e minha mãe não eram aposentados ainda. Aí precisava das irmãs ajudar. E tinha um irmão que trabalhava que ajudava. E eu com duas filhas lá e eles queriam que eu ajudasse também. E eu ajudava da maneira que eu podia. Fui morar porque eu tinha uma casa alugada e eu ficava com o dinheiro. E a pensão foi a mínima porque eu tinha a casa pra morar. O pai das minhas filhas teve direito de dar 30% do salário, não tive direito em mais. **Nos anos 70, em Cataguases ocorriam muitos eventos culturais como os festivais de música, tinha os dois cinemas com programação regular, bares. A senhora frequentava algum lugar de lazer e cultural?** Não. Eu até ganhei um prêmio uma vez com a música de carnaval, com a concorrência das músicas a que ganhasse ganhava um prêmio. **Você ganhou?** Eu ganhei. A Iara. Eu botei no nome da Iara. Eu esqueci quem foi que fez a música. **Na sua vida diária**

**você tinha contato com essa cultura?** Não. Nada nada. **Não participava muito, não ia muito à cinema?** Não. Eu não tinha dinheiro pra pagar cinema. **O que a senhora achou de contar um pouco da sua história?** Eu achei interessante, que, né, é a história que é bom não deixar pra trás, as pessoas saber... a diferença de hoje e de antes. **Muito obrigada pela sua atenção.**

Entrevista realizada com M2 em 12 de outubro de 2010, às 09:00 h.

**A senhora tem irmãos? Quantos?** Oito irmãos. **Como a senhora descreveria seu pai? E sua mãe?** Eles eram muito bons. **Gostaria que a senhora falasse um pouco do lugar onde passou a sua vida junto de sua família.** Era muito boa. A gente tinha uma vida muito boa, graças a Deus. A gente trabalhava na roça, trabalhava muito, né, mas era muito bom. Sempre tem uma briguinha, todo irmão tem, né? Então eu tinha um irmão que era encapetado. E eu que passava a roupa dele. E ele só usava calça branca de linho. Se tivesse uma pintinha ele pisava nela, pisava nela, tinha que levar pra lavar e passar outra, mas tudo bem. Coisa de homem, de rapaz, né? **A senhora estudou? Até qual série?** Até o segundo ano de roça só. **Qual a sua profissão?** Eu trabalhava na roça. **Como foi a sua juventude?** Juventude, quer dizer, eu não tivesse assim juventude, eu não tive juventude, eu não tive adolescência, eu tive nada, porque a gente morava na roça. **Plantar, colher, cuidar de casa...** Só. Não lembro de coisa quando eu tinha cinco anos, num lembro. Era tanto serviço que não dava tempo da gente, saber que... **Brincar...** Nunca brinquei. Nunca, nunca. Era só trabalhar. Acordava 1 hora da manhã. **Uai, que horas você deitava então?** Seis horas da tarde. Levantava 1 hora ia pro pasto buscar os bois, pra moer cana até às seis da manhã; seis da manhã entrava outra pessoa; tinha que tocar o engenho; entrava uma outra pessoa e eu ia tratar de porco, galinha; nisso minha mãe já tinha tirado o leite. Eu ia de um canto prum canto pra outro, eu ia pro curral. Fazia isso tudo. Ia de um canto pra outro. Depois, apanhar abóbora, inhame, tudo pros porcos. Aí eu ia tratar dos porcos. Era muito porco. Só na manta tinha pra mais de trinta cabeças de porco. Fora dois chiqueiros que era porco pra engordar e matar, engordar e matar. Tudo era eu. Isso eu tinha o quê cinco, seis anos, por aí. **Você era a mais velha?** Não. Eu era a do meio, tinha a Maria mais velha, a Minalda, só que elas eram mais pra roça. Cada um tinha a sua função. Elas iam pra roça e eu ficava em casa ajudando a minha mãe. Minha mãe era costureira de mão cheia. Fazia até terno, vestido de noiva. Era uma costureira e tanta. Nossa senhora, mamãe costurava muito e muito bem. Então eu ficava em casa ajudando ela.

Eu tinha uma irmã caçula, tenho porque ela ainda é viva, mas era tão preguiçosa tadinha que ela não fazia nada. E por causa dela ser a caçula então a minha mãe passava a mão na cabeça dela, né? E aquilo me dava uma raiva, menina. Eu trabalhava... Quer dizer, eu tinha cinco anos, seis, por aí, ela tinha quatro, que nós somos... diferença só de dois anos. Todos os irmãos, diferença de dois anos. Então, acho que com quatro anos ela já podia lavar uma vasilha, pegar uma água que tinha que pegar a água lá na na na bica pra botar na talha pra filtrar. Acho que essas coisas assim ela podia fazer. Não fazia nada que a mãe não mandava. A mãe não mandava. A mãe que mandava, eu ela mandava fazer tudo. Então, a minha vida era aquela. Trabalhava até seis horas da tarde. Direto. Só parava pra almoçar. Eu que levava comida na roça pros companheiros. Naquela época papai tinha oito companheiros. Pessoas de fora, né, pra trabalhar pra gente. Então era cesta desse tamanho assim, que eu levava cheia de comida, caldeirão, eram oito companheiros com mais quatro irmão meu. Quatro irmãos. Aquele monte de comida tudo, na cabeça, minha fia. Chegava lá em tempo da cabeça afundar. Não sei como que a minha cabeça não afundou pro meu corpo. **Cabeça chata.** É. Tanto peso. Levava aquela comida, voltava correndo pra arrumar cozinha e continuar o dia inteiro. Minha adolescência foi assim. **Depois da adolescência que você veio pra cidade?** Foi. **Aí que você conheceu o seu marido?** Não, eu não vim praqui não. Nessa época que eu trabalhava, eu trabalhava na roça mesmo. É, depois que eu vim pra Cataguarino. **Ah, sua roça era depois de Cataguarino, era afastada?** É. Quando eu vim pra Cataguarino eu tinha onze anos. Aí eu levei uma vida mais tranquila porque não ia pra roça não tinha aquela luta que ia tive, né. Aí eu lavava roupa pra fora pra ter meu dinheirim porque eu sempre gostei, sempre fui vaidosa, então eu gostava de ter meu dinheirim. Lavava roupa pra fora, fazia uma faxina pra uma pessoa, fazia um mandado pra uma pessoa. E o meu serviço da casa era todo dia. **Aí você conheceu o seu marido...** Aqui em Cataguases. Eu vim numa semana santa aqui. E a minha tia... eu fiquei na casa da minha tia. Ela falou assim: M2, vão na procissão? Eu falei vão, tia. Nós fomos. Foi eu, meu tio e ela, as crianças dela, fomos na procissão e tinha um parque ali na... perto da Babush ali, naquele canto ali, onde hoje é um monte de loja, aquelas coisas ali, ali não tinha nada. Era tudo vago. **Onde é a Nogueira Neves, hoje?** Isso. Aí tinha um parque. Aí a tia falou assim: M2, cê que ir lá no parque um cadim? Falei, vão tia. Aonde cê quiser ir nós vão. Aí fomos. Aí fomos. E lá foi onde eu conheci o dito cujo carcará. Tô falando muita bobeira? **Não.** Aí a tia já conhecia ele, me apresentou. Aí a tia falou assim: essa é minha sobrinha, Jair. Lá de Cataguarino, gente boa que não sei o quê, trabalhadeira. Aí, menina, eu olhei pra cara dele assim... Ele era bonitim, boba, ele era bonito... O Jair era bonito. Depois que ele acabou, né, de tanto... doença, né, coitado. Ai. Ah tá, dona Dirinha, muito prazer e

tudo em conhecer e tal. Ficamos ali conversando. Vão bora? Vão. Aí ele falou pra tia Dirinha assim: Eu posso ir até lá? A tia falou: Uai, se ela quiser, pode. Aí ele falou assim comigo: posso ir com você até lá na sua tia? Falei: uai, pode, uai. Aí chegamos lá, ficamos no portão conversando um cadim. Ele me perguntando da minha vida. Não, meus pais não deixam. E se eu for lá conversar com eles? Pode ir, não sei o que vai acontecer. Aí chegou lá, conversou com meus pais, meus pais aceitaram, aí nos ficamos conversando. Ele ia lá em casa de quinze em quinze dias. Com um ano namoramos e casamos. Aí no dia do casamento foi o desastre. Casamos, 11 hora da manhã, fomos pra Ubá, que eu ia morar com a minha sogra, né, aí fomos pra Ubá, ficamos no hotel de Ubá, a primeira noite, a maravilhosa, ele me deixou lá no quarto e foi lá embaixo. Disse que ia buscar um lanche pra nós. Eu falei: ah tá, vai mesmo que eu tô morrendo de fome, e vai rápido que eu quero tomar um banho que eu tô pura pueira. Naquela época Ubá era tudo chão, uma pueirada... aí, eu falei:então vai rápido que eu quero tomar um banho. Esse rápido dele, ele chegou 9 horas no quarto, trêbado. Eu: Ah, minha Nossa Senhora da Aparecida, o que aconteceu com esse homem? Ele chegou tão tonto que ele atravessou na cama assim, com as pernas pra baixo, atravessou na cama com as pernas pra baixo e ali ele ficou até as 5 da manhã. E eu fui pra janela chorar. Eu não sabia o que eu fazia. Se fosse hoje eu sabia. Naquela época, eu nunca tinha viajado, minha fia, a não de Cataguarino a Cataguases. Parar em Ubá, num hotel... não sabia nem aonde era banheiro. Aquele negócio, eu não descia, num subia... fiquei lá. Chorei a noite inteirinha. Quando ele acordou de manhã, 5 horas, ele falou assim: uai, você não dormiu, não? Eu falei: Dormi. Dormi em cima docê. Você atravessou na cama. E dormi de tanta fome e de tanta fome que eu dormi, que eu tô até agora que eu dormi de fome. Eu tava com o olho desse tamanho assim de inchado. Aí ele falou assim: ah, vão lá embaixo. Eu falei: vão lá embaixo não, eu quero, quero um banheiro pra tomar um banho. Pelo amor de Deus, quero tomar um banho. Aí ele me levou lá no banheiro, eu tomei banho. Aí nós descemos pra comer. Menina, eu já tava com tanta fome, tanta fraqueza, tanta raiva que eu num sei, eu não como é que eu não morri aquele dia. Era pra aquele dia eu morrer. Aí, lanchamos e tudo e ele falou: vamos voltar pro quarto. Eu falei: não, eu quero sentar lá naquela praça lá ó. Menina, eu fiquei num estado... Não sei como é que eu arrumei pra ficar com aquele homem aqueles dias tudo. Cheguei em casa, liguei pro pai. Lá em casa tudo a gente era o pai, a mãe num... a mãe... era pouco assunto com ela. Pai, vem aqui agora, pai, que eu quero conversar com o senhor. Quê que aconteceu, minha filha? Vem cá, pai. Ele veio na mesmo hora, tadim. Pegou um carro lá e veio. Chegou aqui eu falei: pai, eu quero separar desse homem. Cê tá doida, minha filha? Faz isso não. Na nossa família não tem isso, não faz isso não, minha filha, pelo amor de Deus. Quê que aconteceu? Conte pra ele.

Contei tudo. Do jeito que aconteceu eu contei pra ele. Não, minha filha. São coisas que acontecem, eu vou conversar com ele. Depois ele vai cair em si. Ele vai melhorar pra você, que não sei o quê, num separa não, minha filha. Por muito que a mulher anda direito ela é falada. Eu falei: tô lá ligando pro que os outros vão falar de mim, pai. Eu quero é livrar dessa coisa, pai. Não minha filha, de jeito nenhum. Fomos conversar com ele, ele meteu o fumo no pai. Meteu o fumo no pai. Que ele não tinha nada que intrometer na vida dele, que na vida dele quem manda é ele, que eu não sei o quê... Eu falei: eu falei com o senhor, pai. Mas nem assim ele não quis que eu separasse. **Como era a convivência de vocês?** Carreguei aquela cruz 12 anos, parece que foi mil anos. Ele bebia, ele dançava, ele judiava de mim e das crianças. As crianças não gostava dele. Foi uma vida, menina. Aqui, só Jesus. **Vocês tiveram quantos filhos?** Três. É. **Qual que era a profissão dele?** Ele era... aí, meu Deus. Trabalhava nas Irmãos Peixoto. O que que ele era? **Contramestre?** Não, ele não era contramestre, não. Cardas, ele trabalhava nas cardas. Não sei o que que ele fazia, trabalhava nas cardas. **Então desde o início a convivência de vocês foi difícil.** Muito difícil. Nossa, ele não bebia, ele comia... Ele chegava em casa já derrubando tudo e brigando e xingando e batendo nas crianças. Era um desespero. A minha neta, domingo passado veio passar o domingo comigo ela falou assim: ô vó, engraçado, outro dia eu fiquei pensando, você falou que não combinava com o vô, mas você teve 3 filhos com o vô. Pro cê ver, minha filha. Aqui: eu era obrigada. Eu era obrigada, minha filha. Não só eu, a maioria das mulheres da minha época era obrigada... a satisfazer o homem. Mesmo que não quisesse, mesmo sabendo que ele era uma bisca, sabendo que ele tinha uma outra mulher, como eu sabia. Mas era obrigada. Só depois que eu tive 3, eu falei: agora acabô. Agora, cê vai procurar a mulher que você quiser no mundo procê botar filho no mundo. A mim, cê não põe mais, cabô. Eu vou encher a casa de filho e eu estou... e eu que sei o que eu tô passando. E eu não vou encher a casa de filho não. Aí eu dei um basta. Olha, a gente não tinha anticoncepcional pra tomar, tabela num valia nada. Então, minha filha, o negócio era botar filho no mundo. Aí eu dei um basta, falei: eu não quero mais. Procura quem você quiser, eu já sabia que ele era cheio de mulher mesmo, falei: procura quem você quiser. De hoje em diante, eu não quero mais saber de você na minha cama. Porque ele não me tratava bem, não tratava os filhos bem. Eu vou encher a casa de filho só pra sofrer. **Ia ficar mais difícil, né?** Mais difícil. **E quem tomou a iniciativa de separação, M2?** Eu. **Por quê?** Eu. Porque ele me bateu. Ainda me bateu. Eu sempre falava com ele: você pode fazer, falar, brigar, o quanto você quiser, Jair, mas nunca me encoste a mão. Porque você se me encostar a mão eu vou no fórum e separo de você. Que separa nada. Cê não tem pra onde ir. Eu falei: vamos ver. E nesse dia, minha filha, não deu outra. Ele me deu um pescoção que eu

rodei igual piorra. Deixei meus filhos chegar do colégio, dei banho neles, dele almoço e fui pro fórum. Cheguei lá contei pro advogado. O meu filho mais velho, Luís, falou com o juiz assim: ô moço, ele nem sabia, né, tadim, conversar direito, ô moço, dá um jeito da mãe separar do pai, moço, porque o pai vai matar a mãe. Ele vai matar a mãe e a gente. Porque ele é mais burro do que um cavalo no pasto. Menina, quando o Luís falou isso, o juiz na hora pegou aqueles papéis e perguntou: a senhora tem aonde ir? A senhora pode ir em casa pegar a sua roupinha e sair. E deixa o resto comigo. Aí eu passei no meu cunhado, irmão dele, e falei com o Fio: Fio, eu posso ficar aqui uns tempos? O tempo que você quiser, minha fia. Durou muito. Você aguentou muito. O tempo que você quiser. Aí fiquei na casa do meu cunhado seis meses. Aí depois quando ele viu que eu ia mudar pra Granjaria ele entregou a chave pros meninos pra gente voltar pra casa que era ali no Meneses, perto do campo. Aí eu voltei pra ali e ali acabei de criar meus filhos. **Aí você foi trabalhar, os meninos foram crescendo...** Fui trabalhar. Eu trabalhava dia e noite, eu era igual uma máquina. Trabalhava... nem deitar na minha cama eu não deitava. **Continuou igual lá na roça, lá que você trabalhava tanto...** Era dia e noite. Só que lá na roça tinha felicidade, né? Lá era tudo beleza, era tudo saudável... Era tudo bom. Agora com ele não. Bom que eu tive com ele foi os meus três filhos, né? Acho que por isso é que eu aguentei mais, boba, porque, né... Os filhos da gente faz a gente fazer coisa que até Deus duvida, né? **Você tinha que proteger aquelas crianças...** Ainda mais que eu via o estado que ele tratava aqueles meninos, então... eu tive que... aguentar a minha e a deles, né? **Como foi o recomeço de sua vida como mulher separada? Nos anos 70 usava-se a expressão “largada do marido” para identificar a mulher separada do marido com a intenção denegrir, com sentido pejorativo. A senhora sofreu algum tipo de constrangimento por uma mulher separada do marido?** Mas o povo me conhecia, graças a Deus. Esse problema eu não tive. Pelo contrário, eu tive muito apoio. **Ah, você teve apoio...** Tive muito apoio. Minhas patroas eram maravilhosas. Nossa Senhora. Até hoje eu rezo pra elas. Elas foram muito boas pra mim. Elas me ajudaram a matar a fome das minhas crianças. Nossa Senhora. **Aí você já começou a trabalhar como massagista?** Não, eu era como empregada doméstica. Depois que eu fui trabalhar com a Elza. Conheceu a Elza massagista? **Sim.** A Elza que me ensinou a profissão. Eu trabalhei dois anos com a Elza. Aí eu tava ganhando pouco pedi a ela aumento. Ela falou: Ah, M2 não posso te dar aumento. Tô muito apertada, tô descontrolada. Eu falei com ela: Ah, Elza, então eu vou sair. Vou sair que não tá dando, não. E saí. Comecei a fazer massagem por minha conta e continuei fazendo faxina, costurando pra fora, costurei 15 anos pra fora. Desculpa, costurando pra fora. Aí o doutor Ricardo me chama porque ele tinha uma funcionária lá, mas mandou ela embora. Aliás, o

doutor Ricardo não me chamou. O Joaquim Branco. **Ah, o Joaquim Branco.** O Joaquim Branco fazia terapia lá e viu que o doutor Ricardo tava precisando de uma pessoa pra trabalhar lá. E eu já fazia a fisioterapia no Joaquim. O Joaquim foi, conversou com o doutor Ricardo e eu fui pra lá e trabalhei 14 anos. Patrão maravilhoso. Pessoa que... Quem quiser falar mal dele pode falar, mas eu não deixo. Foi muito bom pra mim. Muito bom patrão e muito boa pessoa. Nossa Senhora. Ali que eu fiz a minha vida, graças a Deus. **Comparando aquela época com os dias de hoje o que a senhora acha que mudou a mulher que se separa do marido? É diferente?** Hoje é muito mais fácil, uai. Ah não tem nem dúvida nem... As mulheres de hoje não tem medo de nada. Porque elas são independentes. Elas não precisam de aguentar o que eu aguentei não. Porque se eu fosse independente também, tivesse um bom emprego eu não tinha aguentado não, ô Rita. De jeito nenhum. E se meu pai queira ou não eu tinha separado, eu tinha. Eu toda vida fui isso: enérgica, honesta e trabalhadeira. Se eu tivesse um bom emprego era ruim do meu pai me proibir, me impedir de ficar com aquele homem. Ficava não. Fiquei porque a situação era brava. Eu tive que sair... **Com relação à separação e todas as atitudes que foram tomadas a senhora mudaria alguma coisa em sua vida?** Acho que eu fiz o melhor, né. Porque eu tolerei o que eu tolerei, Deus me deu muita força. Nossa Senhora do Carmo me deu muita calma, então... A única coisa que eu mudaria é isso que eu te falei: se eu tivesse um bom emprego que desse pra eu sustentar os meus filhos eu não tinha aguentado isso que eu aguentei não. Mas agora a minha vida agora é uma beleza. Nossa, minha filha. Eu sou uma rainha hoje. Graças a Deus. Eu agradeço muito a Deus de ter lutado o quanto eu lutei e ter a vida que eu tenho hoje. Hoje eu trabalho porque eu quero. Graças a Deus eu não preciso, mas eu gosto de trabalhar. Então, eu vou trabalhar enquanto Deus me dê força. Eu vou trabalhar. **O que a senhora achou de contar um pouco da sua história?** Eu acho bom, ô Rita. Porque são coisas que... Eu não tenho mágoa. Não tenho, graças a Deus. Eu não tenho mágoa de nada que eu passei. Mas é bom porque a gente, parece que a gente fica leve, sabe? contando assim pros outros, parece que a gente desabafa, entendeu? Tá tranquilo, Graças a Deus. **Então eu quero agradecer mais uma vez...**

Entrevista realizada com M3 em 17 de outubro de 2010, às 15:30 h.

**A senhora tem irmãos? Quantos?** Não eu sou de Divinésia em Minas Gerais. É uma história muito complicada porque o meu pai viúvo com 4 filhos e casou com a minha mãe ainda nova né e teve 3 filhos com ela e depois ele morreu ela ficou grávida com dois meninos pequenos,

duas crianças que era eu e meu irmão e o outro já havia falecido. E pouco tempo depois, um ano depois esse irmão mais novo também faleceu, sabe. E a minha mãe estava grávida na época ela teve essa outra menina também então ela teve muita dificuldade porque eu tinha 7 anos, eu tinha que ficar com a minha mãe que tinha perdido o outro menino, eu tinha que ficar com a minha irmã em casa sozinha pra ela trabalhar numa fazenda distante pra trazer alimento pra gente eu tomava conta da garotinha o dia todo eu tinha 7 anos. **Então o tempo pra estudar aí não tinha.** Não. Fui estudar bem depois e muito raro também. **Ai. Então foi um tempo difícil...** É com a morte do meu pai ficou mais difícil porque a família da minha mãe ninguém queria ficar com os filhos. Então ela ia pra casa de um irmão era rejeitada, ia pra casa de outro era rejeitada. A gente ficou rodando assim sabe, sem sem ter teto e sem chão. **Ééé?** Porque foi muito difícil. **Quando a senhora veio pra Cataguases?** Eu vim pra Cataguases em 65. **A senhora casou e veio pra cá?** Não. Eu casei aqui. **A senhora casou aqui...** Quando eu vim pra cá e trabalhava no hospital. E trabalhando lá eu conheci meu ex-marido, casamos, tiveram 6 filhos. **Tiveram seis filhos?** Tivemos 6 filhos. Uma vida difícil de muita desavença, com muita briga, né. **A senhora falou que trabalhava no hospital, a senhora chegou então mesmo com aquela vida difícil a senhora conseguiu estudar.** É... eu estudei pouco, sabe. Porque eu entrei na escola já com 10, 11 anos. Comecei a estudar. E como a vida na roça é muito difícil sempre na época de plantação, a minha mãe casou de novo, né, e como fazia plantação e tudo aí na época de colheita e época de capina tirava da escola pra poder ajudar na colheita e foi muito difícil. Depois eu concluí a 4ª série. Depois eu continuei mais uns anos e... **Ah é? A senhora terminou o 1º grau?** Não terminei o 8º ano não, terminei não. **E a profissão da senhora qual é?** Agora? **A senhora deve estar aposentada...** Eu sou pensionista, né, porque eu perdi um filho rapaz e a pensão dele ficou pra mim. **Certo. Enquanto a senhora estava casada a senhora trabalhava fora?** Muitas vezes eu tentei, sabe, Rita, mas meu marido era muito ciumento não deixava eu parar em serviço nenhum. Eu começava a trabalhar... eu trabalhava quase que escondida dele. Eu trabalhava umas horas, meio expediente, aí a hora que ele tava também no serviço. Depois ele descobria, ele brigava até eu sair do serviço. Tinha muito ciúme, brigava demais. **E a profissão do ex-marido da senhora qual era?** Era operário, né? **Ah tá, então a senhora conheceu ele no hospital...** Não, eu trabalhava no hospital mas ele não. Conheci ele na rua assim. **Ah, tá.** Ele trabalhava na fábrica. **Ah, tá, então eu entendi errado.** Ele trabalhava na fábrica. **E, vocês tiveram 6 filhos, e como era a convivência da senhora, a senhora falou que era meio difícil.** Muito difícil. Muito difícil. Porque além dele... ele era trabalhador, era não, é trabalhador, né, agora ele aposentou, mas ele era muito trabalhador, sempre foi. Isso aí

eu não posso negar, porque ele não faltava de serviço, ele não ficava desempregado, ele não deixava faltar, o básico ele sempre colocava dentro de casa, mas sempre foi assim, entende? Sempre foi muito violento, gostava muito de beber, ele bebia e ele era muito mulherengo sabe. Não é que eu tivesse ciúme, sabe, mas o que ele fazia ele tirava da família pra outra família e fazia falta pra nós, sabe, pros meus filhos, sabe. Fazia falta. Fazia falta porque muitas vezes não faltava o básico, mas muitas coisas faltava porque... O dinheiro era distribuído... o dinheiro era compartilhado. **E, quem decidiu separar? Foi a senhora ou foi ele?** Fui eu. Ele não queria a separação não. Ele brigou muito, ele lutou muito pra não separar, mas eu briguei e os filhos também não tinha como, sabe? A gente chegou tava... A gente chegou a conclusão que tava tão difícil, tão difícil a convivência e os filhos foram crescendo naquele ambiente de muita briga, muita violência, muita pancadaria, sabe? Muitas vezes eu sofri muito hematoma, muitos machucados... Inclusive eu estava grávida do meu último filho, sofri uma... ele foi bater no menino acertou em mim, sabe e deu um hematoma enorme. Uma coisa medonha, sabe... Então foi muito difícil. Os filhos viram que num... Eles mesmos quiseram que eu saísse de casa porque eu perdi dois filhos. Eu perdi um em 94, o caçula, e depois em 98 perdi o outro com 24 anos. Então... quando esse... faleceu o primeiro e... Não sei se eu falo... **Se a senhora não quiser falar...** Surgiu um detalhe, um problema lá, sabe. Ele começou a ser muito violento no dia seguinte que o menino foi sepultado. Os meninos queriam dar arrumação na casa, sabe, dar uma geral na casa e tudo porque o dinheiro que eles tinham trago pra fazer o funeral do menino não foi preciso porque a comunidade ajudou cobriu todas as despesas então eles quiseram dar uma arrumação na casa, quer dizer, eles estavam o final de semana em casa quiseram dar uma arrumação na casa que tava caindo, as paredes tudo caindo e ele fez uma bagunça, jogou o material fora aí os meninos acharam melhor aí já foi o ponto máximo, né. Eles viviam preocupados porque eu ficava sozinha com ele em casa. Então, foi aí que se separou. **A senhora se separou nos anos 70? Foi mais recente?** Não. Foram muitas vezes que eu tentei separar, sabe. Nos anos 70, 72, me parece, que eu foi a primeira vez que eu procurei ajuda, sabe. **Porque o processo...** Foram muitos processos na justiça, sabe? Inclusive eu estava com um hematoma aqui na mama sabe? Então é. Nessa época. Pode falar? **Pode falar.** Então nessa época eu entrei na justiça. Aí ele apelou pediu tal, tal, falou que, sabe, aquelas juras, aquelas falsa juras, então, aquela coisa toda. Então, o advogado e o juiz tentando conciliar. Aí nos conciliamos, mas chegou em casa continuou do mesmo jeito. Como sempre, né. Essa história é repetida. E então depois as coisas iam acontecendo eu continuava buscando recurso, mas nunca que tinha solução. Eu ia lá, levava fotos... levava as manchas. E eles num... Hoje tem a lei dona Maria da Penha que...

Hoje tem a Maria da Penha que tá socorrendo as mulheres, mas naquela época eu sofri muito, eu sofri muita pancadaria, eu apanhei muito, eu e meus filhos, nós apanhamos demais mesmo. **Como é que foi a vida da senhora depois da separação, foi difícil pra senhora recomeçar... emprego, filhos, cuidar dos filhos...** Olha, em parte o advogado determinou uma pensão, estipulou uma pensão, quer dizer a princípio essa pensão era para os filhos, mas ele fez de uma forma que a medida que os meninos ia ficando maiores a pensão era transferida pra mim, então ele continuou pagando, inclusive ele entrou 3 vezes com uma ação pra poder exonerar essa pensão e não conseguiu, sabe, devido ao meio que ela executada, como ela foi ela feita... que era o direito, então, foi transferida pra mim. Então, e depois, eu vivo com essa pensão e sempre eu também fazia uns bicos, umas coisas por fora e depois o meu filho faleceu em 98 aí a pensão dele ficou pra mim e eu vivo dessa pensão, faço bico, vendo perfume, eu conserto boneca, faço artesanato, sabe, tô sempre fazendo uma coisinha ou outra, uma ocupaçãozinha e é um dinheirinho que entra, né?, mas é a pensão dele que me mantém. **Como a senhora falou aí que separou várias vezes, voltou pra tentar a vida junto de novo, a vida da senhora foi afetada pela separação? Assim de modo geral, família ou amigo, sentiu alguma dificuldade, de apoio da família, de amigos se afastarem por conta da separação?** Não, até que não. Eu tive muito apoio de muita gente amiga, sabe. Pelo contrário, porque, inclusive muita gente sabia da situação, conheciam a situação, né, até na época que o menino tava doente, então, eles assistiam aquelas cenas dele de violência, o garotinho teve leucemia, ficou 7 anos doente. Então sabe, os amigos me apoiaram muito. Eu não posso... Aliás, pelo contrário, eu tenho que agradecer não sei nem a quantos nem a quem, muita gente mesmo, eu fui carregada mesmo por muitos amigos. **A senhora já comentou sobre a lei Maria da Penha, a senhora acha que a vida da mulher hoje é mais fácil no caso de separação, assim...?** Ah, com certeza, com certeza. Porque hoje com esse apoio que a mulher tá tendo sobre essa lei Maria da Penha, então esse apoio é muito coisa porque... eu sofri muito procurando ajuda e não tinha ajuda não. Eu ia lá, o advogado mandava eu volta. “Dia tal a senhora volta”. Eu voltava lá o processo nem tava escondido nem sabia que tava. Aí, as vezes era outro advogado já. **Era a justiça do Estado.** Era a justiça do Estado. Então, eu era atendida por um. Aí mandava: “daqui um mês a senhora volta; dia tal a senhora volta”. Quando eu voltava lá já era outro que não sabia do caso nem onde estava o processo. Aí começava outra fase. Aí pronto. Até que chegou um dia que era um advogado lá determinado, parece que hoje ele promotor de justiça, doutor Silvério, né. Então ele que... Na hora lá quando ele viu, inclusive quando ele viu o jeito que o Carlos me tratava perto dele, né, me tratou perto dele, na hora ele ficou furioso, na hora ele mesmo ficou revoltado, porque ele não

respeitou nem a autoridade. Ele falou “eu posso chamar a polícia aqui agora e te prender pelo que você tá fazendo”. Então ele foi até ameaçado. Porque ele começou a desacatar a polícia e me agredir, me atacando, né, com palavras, perto do advogado, então aquilo, sabe, acelerou o processo, naquela mesma hora ele já bateu os papéis, mandou eu ir na... lá no cartório, sabe. E tudo e resolveu tudo no mesmo dia. A audiência eu já tava livre, já resolveu, a audiência, única vez que eu fui... A única vez que eu fui que era ele, a primeira e única vez que eu fui lá que era ele, então ele já resolveu tudo de uma vez, o que tava enrolando há muito tempo. **Isso já foi nos anos 90?** Isso foi em 87. É muita coisa que acontece na vida, né? Porque depois dessa separação que foi judicial o meu filho adoece, eu tava separada e esse meu filho adoece, o caçula, com leucemia. Eu trabalhava em casa de família e pagava aluguel porque o advogado mandou ele sair de casa, mas ele não saiu. Ele ameaçou todo mundo, então pra evitar uma tragédia, uma morte, eu saí com os meninos, eu saí. Porque antes de eu mudar em definitivo e como a gente tava, a gente tava separado, e eu trabalhava em casa de família, eu pagava aluguel num porão, meu menino adoece, eu tive que parar de trabalhar e não tinha como pagar aluguel. E ele morando na casa. Ele ficou morando na casa. **A senhora é que saiu pra evitar...** Pra evitar o pior. Então, nesse período que ele ficou sabendo da minha situação, né, aí ele deu uma de misericórdia, sabe, ele foi, chamou, pra eu voltar pra casa, ficar morando lá, que ia deixar eu morar na casa, caso nós convivêssemos num... não respeitasse, ou se não cumprisse a palavra, que ele saía da casa, e deixava a gente na casa como saiu... e até hoje tá lá e a gente tá fora, então, prometeu e tudo, eu peguei e voltei e fiquei mais 7 anos com ele, mas já separada no papel, por causa da falta de recursos, falta de meios, as crianças tudo pequena, as crianças tudo menor ainda, né, estudando, eu tive que voltar, fiquei mais 7 anos, esse período de doença do menino, 7 anos que ele viveu doente, foi 7 anos. Aí quando ele faleceu a gente saiu. Ele foi sepultado na sexta-feira. Foi no sábado ele fez aquele coisa, aquele quebra-quebra todo. Aí então a gente saiu, saiu de vez. Ele mora na casa. **Ah, ele mora na casa...** Essa casa aqui é alugada. Ele mora na Taquara. A casa lá eu tenho direito nela, já fiz várias propostas da gente, sabe, dividir a casa, dividir o quintal, eu faço um aumento, né, no caso fazer um puxado, fazer um puxado, fazer um aumento, fazer mais um banheiro, tal tal, dividia tudo, água, luz, separava tudo, mas ele não concorda, não aceita de jeito nenhum. **Eu quero fazer só mais duas perguntinhas. Com relação à separação, essas idas e vindas, separações, dificuldades, e todas as atitudes que foram tomadas a senhora mudaria alguma coisa em sua vida? A senhora acha que agiu da melhor maneira?** Não me arrependo de nada porque eu acho que não fiz nada errado. Nada que eu fiz eu considero errado. Porque eu não abandonei meus filhos, eu não maltratei, não

abandonei, não troquei meus filhos por ninguém, por vida nenhuma, nem de fiança, nem pessoal, não troquei, né, num troquei nem um deles por mais ninguém. Sempre estive com eles, sempre presente com eles. Então eu num me arrependo de nada, não me arrependo de nada porque tudo que eu fiz se fosse preciso eu fazer de novo eu faria quantas vezes fosse preciso, da maneira como eu fiz porque eu acho que agi da maneira correta, porque eu não tenho do que me arrepender. Eu só me arrependo não ter separado dele há mais tempo. Eu fui dando oportunidade e a coisa foi só crescendo. Aqui vai só crescendo, não sei porque... O mal, a bondade e a maldade é um exercício tanto positivo quanto negativo. Se você pratica a bondade, você vai praticando você aperfeiçoa. Você... Buscando a perfeição, você vai cada vez melhorando mais, mas se você só vai praticando a maldade, a maldade cresce, é um fermento. **Cê vai também aperfeiçoando a maldade, né?** É. Vai cada vez mais perdendo a perfeição, né, e vai pro lado oposto e vai crescendo cada vez mais, por isso que a pessoa rouba uma agulha, rouba um..., né, rouba um tênis, rouba um carro, rouba um banco e vai roubando, assim, é a vida, né. Assim também é a pessoa, a bondade. Não estou dizendo que seja eu a pessoa boa, mas eu acho assim: tudo é um exercício tanto negativo quanto positivo. Se a pessoa opta pelo lado bom e procura sempre fazer a coisa certa, não prejudica ninguém, não desejar nada de mal a ninguém e procurar ajudar os outros naquilo que precisa, então ela vai melhorando, né. Vai colhendo, né, porque as coisas são assim, porque tudo tem retorno. Na nossa vida tudo tem retorno. **Não é nada de graça, né?** Não é nada de graça. Se você... Se a pessoa só faz maldade, com certeza, aquilo, é como, eu falo assim às vezes, é como jogar uma pedra pra cima, geralmente ela pode voltar e pode cair na própria cabeça de quem jogou, né? A vida da gente é assim, tudo tem retorno. Se você faz o mal, colhe aqui que você fez, se fez o bem também, ele retorna como bem. Às vezes nem é pessoa que você serviu que vai te retribuir, às vezes é uma outra pessoa estranha que você nem nunca viu que vai retribuir aquele bem na hora certa, no momento certo que você tá precisando. **Estamos terminando aqui. O que a senhora achou de contar um pouco da sua história pra mim?** (risos). A minha história se você lesse... A minha história está escrita. **Já escreveu?** Tem detalhes que... Minha história está escrita, não assim... a minha história antes de casar, a história da infância, né, porque depois de casada não, depois de casada eu pulei etapas, essas etapas assim eu não relatei não, sabe. Mas a minha infância, a minha infância tem histórias muito fortes...

Então, eu só vou falar do meu primeiro casamento. Do segundo não. O segundo já foi em 1980, né? **É.** Então fala o que você quer. **A senhora tem irmãos?** Nós éramos quatro irmãos, né? É um já é falecido, nós somos três vivos. **Como era a convivência da sua família?** Era uma convivência espetacular porque meu pai era aquele homem assim que num precisava zangar com os filhos. Ele só olhava e pelo olhar a gente já sabia o que que tinha fazer, então... é foi aquela educação... nós sempre estudamos em colégio, na Escola Normal, eu estudei na Escola Normal, tive uma infância maravilhosa, fui campeã de natação... é a minha infância na Praça Santa Rita foi uma coisa maravilhosa. Eu não troco meu nascimento da época que eu nasci pela época de hoje porque era tudo mais, era tudo mais assim é... vamos dizer, mágico, né? A infância era mágica, a vida era mágica. É então era uma coisa assim que surpreendia a gente todos os dias, né? O grupo era espetacular, a gente estudava assim, eu estudei aqui no Coronel Vieira, era muito bom. As professoras eram espetaculares, a gente aprendia bem, tanto que é você vê que eu falo bem porque eu tive uma cultura muito boa, não é? Antigamente a gente num falava que era a professora, a gente falava que era o marido da professora, a gente conhecia o nome do marido da professora. Ele era o marido da professora fulana de tal. Era professora, a gente falava era o marido da professora, de tão bem que elas ensinavam, de tão bem que elas ensinavam. Elas realmente a gente tinha assim muito respeito não era... A gente chegava no grupo cantava o hino nacional, cantava o hino da bandeira, cantava o hino de Cataguases. Depois que a gente entrava pra assistir aula. **Era a hora cívica, né?** Justamente. É. Eu aprendi a bordar, é, aprendi a cantar o hino nacional, o hino da bandeira, tinha as festas, o dia da árvore, então foi assim uma infância maravilhosa, né? **A senhora estudou até qual série?** Eu estudei até o terceiro ano de Contabilidade. Até o terceiro ano de Contabilidade que eu fiz. Depois casei, né, a minha, vamos dizer, puberdade foi maravilhosa também. Na minha época tinha o Colégio aqui de Cataguases com os alunos internos e era cada um mais bonito que o outro e a gente não sabia qual que namorava, porque era uma fila maravilhosa, né? **Até Chico Buarque andou por aqui, né?** Não, eu peguei Chico Buarque, peguei aquele menino também que é... Peguei assim na época, né, de estudar, na época, né, porque eu nadava no Colégio Cataguases. Eu fazia parte da Associação Atlética Colégio Cataguases. **Você nadou com a Aparecida Graciolli? Porque a Aparecida Graciolli também...** É, eu nadei com ela, só que eu fui campeã mineira e campeã brasileira de natação, né? Eu já era, eu já participava mais do lado top da..., porque a gente saía muito pra competir, né, então eu... **Realmente foi um tempo muito bom, né...** É. Aí atrás de você tem aí a memória, né? É. (Pausa pra olhar as fotos). Uma lembrança muito querida que tenho aí, da dona Zélia, da dona... mãe da Márcia Peixoto, né, dona... como ela chamava, gente? Cruz

credo. Minha comadre e eu tô esquecendo o nome dela. E ela acompanhava a gente, a dona Ione, né, na época o doutor Manuel da Neves que era diretor do colégio, foi uma época maravilhosa, eu não tenho nada a reclamar. Olha, você olhando aí pra trás eu quando moça fui miss Elegante Bangu (risos), tem aí a... não é, então foi uma infância e uma época de mocinha maravilhosa, maravilhoso, né? A gente... Não existia esse negócio, dessa droga que tem hoje, esse crime. A gente pra ir a um bar ia acompanhada de um irmão. O irmão levava. Quando ele fazia assim pra gente, dava um sinalzinho, a gente sabia que era hora de ir embora. Então era uma época de muito respeito, então tudo que acontecia de diferente... Eu quando eu beijei na boca eu tinha 15 anos. Eu achei que eu ia ficar grávida. Quer dizer... então... é por isso que eu te disse: tudo era mágico, sabe? Foi assim um tempo mágico, né? Aí depois eu casei e aí vida tomou outro rumo. **Como a senhora conheceu o seu ex-marido?** Aqui de Cataguases mesmo. Apesar de que a gente não dava muita confiança para os rapazes de Cataguases porque tinha os alunos internos que eram bonitos e tudo, a gente nem ligava pro pessoal daqui, né, mas a medida que a gente foi crescendo, ficando moça e tudo aí, as minhas amigas foram casando e eu falei: meu Deus, eu tô com 25 anos e ainda não casei, deixa eu dar um jeito, senão vou ficar solteirona, né? Aí casei, casei com... era o mais bonito que tinha na cidade, casei. Só que tem que não deu certo. É. Tive três filhos, tive uma menina de gêmeos, um dos gêmeos eu perdi, eu perdi não, ele foi encontrar com Deus com 18 anos num desastre de carro e tenho o outro. Hoje eu tenho duas netas da minha filha que casou muito nova com 17 e meu genro com 19, eu tenho uma neta de 26 e uma de 20. E com meu filho que também casou muito novo, com 22, eu tenho dois netos: um de 18 e um de 17. **E a convivência de vocês, com seu marido, no período que durou o casamento, vocês viveram bem e...** Olha, ele era um *gentleman*, sabe? Assim, é eu não posso assim nem falar mal dele porque ele era um *gentleman*. Ele nunca fez, nunca gritou comigo, nunca..., eu sou leonina também, né, eu sou uma pessoa dinâmica é, faz parte até do signo, meu ascendente ainda, é, leão pra completar. Mas ele era uma pessoa assim é, o único defeito dele que ele não gostava muito de trabalhar e o meu pai era um homem assim que achava que a gente devia pegar na enxada, sabe, era um homem muito trabalhador e ele não aceitava aquilo de jeito nenhum. E com o tempo assim eu fui vendo que meu pai fazia de tudo pra poder acertar a vida dele e tudo, mas não conseguia acertar. Até que um dia eu falei: olha, papai, eu resolvi vou separar e ele falou: ah, que ótimo. Então, aí eu separei. **Mas vocês não tiveram problemas assim de convivência, não?** Nada nada nada. Vivíamos muito bem, ele sempre me tratou muito bem, os filhos e tudo. O único problema era esse. Eu tinha que sustentar a casa. Aí num dava, né? Achava a situação muito chata. **Foi você que tomou a iniciativa de separar?** Foi. Eu que

cheguei e falei. Pronto, cabô o casamento. Vamos separar e tudo e ele achou normal e foi embora pro Rio de Janeiro e eu nunca mais eu vi. **Esse seu recomeço de sua vida como mulher separada? Naquela época...** Olha ôôô. Foi muito engraçado. Porque eu separei e vim morar com meu pai. Então mais uma vez eu me vivi e convivi sob os conceitos e preceitos dele. Eu era uma mulher bonita, mas nunca fui a um barzinho, nada disso... **Porque nos anos 70 ainda tinha aqueles preconceitos, né?** Tinha, por exemplo, uma senhora aqui da sociedade que me chamou na casa dela e falou comigo assim: olha, M4, você separou, e cê sabe, a gente tem que ter muito cuidado, é tem que pensar bastante no que cê pode fazer, porque meu marido é muito amigo de seu pai, seu pai é um homem muito conceituado, cê tem que..., né? Eu falei assim: não, não se preocupe que eu tô na casa do meu pai. Eu sou uma pessoa consciente, eu tenho três filhos pra criar e tudo. E o mais engraçado é que pouco tempo depois aconteceu com a filha dela. Aí ela, aí ela sentiu o gostinho de quê que era ser uma pessoa separada, né. E, pouco tempo depois eu conheci, é, eu tive, é, mesmo quando eu era casada com o... nós tínhamos o G que era um barzinho que tinha aqui, que era uma sensação, coisa de Rio de Janeiro e a gente fazia um *happy hour* lá e tinha um piano lá e o F ia sempre tocar lá, que ele já era separado, e não tinha outra coisa pra fazer, ia lá pro G tocava piano e tudo, mas a gente era amigo porque eu ainda sou daquele tempo que a gente era mulher de um homem só, né? Então, mas com o tempo, aquela coisa do conjunto, começamos a tocar juntos, começamos a namorar e casamos. Aí ele veio aqui conversou com meu pai. Meu pai falou assim: eu concordo, mas não aceito, sabe. Mas eu já tinha divorciado, que foi o primeiro divórcio de Cataguases. Foi o meu. É. **Foi em 80?** É, isso mesmo. Eu divorciei, o F divorciou e nós nos casamos. Aí é uma segunda etapa que essa não tem nada a ver com a sua leitura aí. **Voltando um pouco, quando você veio pra casa de seus pais, assim dentro da sociedade que você vivia, Cataguases, tinha aquele negócio de...** Naquela época, as mulheres tinham muito medo de mulher separada por causa de tomar o marido delas. **Ela era a “largada do marido”...** Justamente. Mas eu era uma pessoa tão... sempre fui uma pessoa tão aberta é assim, um livro aberto que ninguém tinha ciúme de mim, sabe? Eu não saía, se eu saí alguma vez, eu tinha minhas amigas, que eram casadas, com os maridos, frequentava a casa delas, que ainda são minhas amigas até hoje, que agora até faleceu uma, já faleceu uma outra, porque também eu já tô com 71 anos de idade, né, mas cê sabe que eu nunca tive esse problema? Eu acho que é por eu ser uma pessoa muito aberta, nunca fui assim de ficar assim de tá escondido, sabe, eu sou uma pessoa assim... até hoje eu ainda posso andar assim com o olho, olhando no olho de todo mundo sem me preocupar. Certo? Isso acontece até hoje. E tem 17 anos que eu tô sozinha. Completamente sozinha e... Aí eu falo com as minhas amigas: e aí, e o

nosso marido? Tá tudo jóia lá? (risos). É. Tudo assim. Eu tenho as minhas amizades e não tenho ninguém há 17 anos, mora aqui eu e a Malu (uma cachora *poodle*), Deus, eu e a Malu, né, então... **Você até praticamente já respondeu a minha outra pergunta: Cataguases em 70 tinha festival de música, tinha cinema... É. Então você participou ativamente...** Olha eu participei em 1980. Porque aí eu fui secretária de Turismo. Aí sim, aí eu participei. Aí eu realmente eu até tenho orgulho em dizer que até hoje não apareceu outro secretário de Turismo igual a mim, entendeu? Porque o que eu fiz na época nunca foi feito em Cataguases. Apesar daqui ter festival, o pessoal falava muito, mas nunca teve uma coisa concreta igual eu fiz realmente, sabe? Mas, naquela época sinceramente eu não participava muito. Não participava muito. A gente tinha assim é... Eu fiquei sete anos, depois de separada dentro de casa. Fiquei vivendo dentro dos conceitos e preceitos do meu pai. **Ah, você não casou rápido não...** Não. Depois de sete, oito anos que eu casei de novo. Vivia aqui dentro, mas é assim a casa era... eu ficava aqui... é, a casa era junta, né, e eu fiquei aqui dentro dos conceitos do meu pai. Não tinha esse negócio de frequentar barzinho igual hoje é essa liberdade não. Eu fiquei mesmo... só tomando conta dos meus filhos, e tentando fazer alguma coisa pra ajudar, né? com dinheiro pra sustentar. **Aí você foi trabalhar?** É, mas eu sempre trabalhei assim, vendendo coisa: já vendi seguro, já vendi roupa, já fiz roupa, tudo que você puder imaginar... **Dentro do escritório pra você também não ia dar porque você é muito ativa...** De jeito nenhum. É. Aí, na verdade, em 93, meu pai me colocou lá na fundição que era da família, né? Que era dele, e, aí eu fui pra lá mas é eu fiquei pouco tempo. Sabe? Num... Meus irmãos eram muito preconceituosos não me aceitaram muito lá dentro. **É? É.** Naquela época, e eu tive que ficar em casa. Recebendo em casa, sabe? **Entendi. Deixa eu te perguntar: a sua família te aceitou com os seus filhos?** Meu pai era um homem assim espetacular, minha mãe também. Era aquela época que a mãe achava bonito o que o pai falava. Entendeu? Todo mundo respeitava o pai, até meus irmãos casados se fosse, alguma coisa, papai olhou, pronto. **A sociedade em geral, os mais próximos...** Não tive problema nenhum. Eu, pessoalmente, M4, nunca tive problema na sociedade, nunca tive pre... **De ser mal recebida...** Não não. Nunca. Minhas amigas continuaram minhas amigas. É eu continuei indo na casa delas. Nunca tive esse problema. **Mas você falou atrás um pouquinho que você sabia que tinha, né?** É, claro. Tinha. Tinha porque é mulher com mulher já existe há muitos anos, homem com homem existe há muitos anos, mulher que casa grávida muitos anos, então quer dizer que... tudo já acontecia... só que era uma coisa tão escondida que a gente só ficava sabendo 50 anos depois, né, bem mais tarde que a gente ficava sabendo. Só mais tarde que a gente ficava sabendo. **E você, comparando aquela época que você viveu, que a gente tá falando anos**

**70 com as atitudes que você tomou ao longo da vida, você mudaria alguma coisa?** Olha, eu já pensei várias vezes sobre isso. Eu fico aqui: será que valeu a pena eu ser uma mulher honesta, trabalhadora, muitíssimo é vivendo dentro dos conceitos da sociedade, é, fazendo tudo que tem, aí eu fico pensando: será que valeu a pena, porque hoje todo mundo vive assim de qualquer jeito, todo mundo é todo mundo e eu passei tanta... deixei de fazer tanta coisa pra poder... mas aí eu falo: não. Valeu a pena porque eu sou filha do A... Entendeu? **É motivo de orgulho, né?** Justamente. O meu pai. Você tá vendo que eu só falo no pai. Meu pai foi assim uma meta, eu quero chegar a ser o meu pai, entendeu? Então, hoje, com 71 anos de idade com o conceito que eu tenho dos meus amigos da sociedade, da sociedade em si, de onde eu frequento, de onde eu vou, as minhas amizades, eu hoje eu tenho orgulho de ter feito e acho que fiz tudo muito certo. **A sua mãe era aquela mulher que acompanhava o marido... É.** A mamãe era aquela mulher... Mamãe foi uma mulher que muito nova ela foi tuberculosa e então o meu pai nunca deixou ela trabalhar, sempre tivemos duas, três empregadas, entendeu, eu não sabia que meu pai era pobre. Ele trabalhava de dia na fábrica e de noite consertando geladeira, nunca faltou nada na nossa mesa, eu sempre estudei em colégio pago, eu não sabia que a gente era pobre. Eu fui descobrir que nós melhoramos de vida quando eu... vi meu pai andando de bicicleta, de chinelo, de lambreta, é quando ele comprou carro, quando... Aí é que eu fui descobrir como é que foi que aconteceu. Ele fala que eu nasci em bacia de ouro, não é? Porque... Mas todas nós estudamos na escola Normal, colégio pago, a mesa farta. Então ele foi assim uma pessoa assim que a gente... sabe? Ele foi realmente, ele foi o meu escudo assim pela vida... **Um exemplo a ser seguido. É, isso mesmo. E, o que a senhora achou de contar um pouco da sua história?** Eu acho normal. **Você achou normal?** É. Completamente normal, porque quando a gente tem assim só tem coisa boa pra falar, claro que eu vou que eu tive momentos de... que eu chorei muito, momentos de tristeza, mas isso é coisa da vida, porque se eu ficar lamuriando por coisa pequena, a coisa vai ficando grande, entendeu?, então quando ela é grande eu faço ela ficar pequena, porque eu quero ser o que eu sou hoje, entendeu?, com saúde, alegre, satisfeita, gosto de contar piada, de rir, tenho um monte de amigos, adoro viajar. Aí a pessoa diz assim: mas, M4 como é que você pode ficar sozinha 17 anos, você ainda está uma pessoa... Eu falo assim: ó, minha filha, eu ainda comento com a minha grande amiga que é a dona Ione, né, que a gente continua muito amiga até hoje, há 60 anos, né? E eu falo com ela: o nosso marido é o nosso cartão da Unimed, porque, marido dá problema e a Unimed resolve os problemas. Então o meu marido é o meu cartão da Unimed. Aí, eu acho... Eu não tenho porque não contar a minha vida. Posso contar minha vida de ontem de hoje.

Entrevista realizada com M5 em 24 de outubro de 2010, às 09:30 h.

**A senhora tem irmãos? Quantos?** Tenho. Eu tenho. Meu pai era viúvo quando casou com a minha mãe e a minha mãe casou com um viúvo com 6 filhos e minha mãe cuidou dos 6 e todos casaram. E depois minha mãe teve mais 5, aliás minha mãe teve 6, mas perdeu um quando ainda era pequeno. E ainda teve mais um filho adotivo. **Eu queria que você falasse um pouquinho de vocês, da família toda.** Olha, a minha família é muito bem estruturada e, graças a Deus, todos da minha família são assim gente muito responsável. Eu não posso dizer que eu tenho um irmão, nem da família do papai, do primeiro casamento do papai, nem do da mamãe, graças a Deus, é uma família muito bem criada, todo mundo é muito responsável, sabe? Eu tenho um filho que chama Guilherme. Tenho a N..., o C..., a R..., a B..., o N.... **A senhora estudou? Até qual série?** Até o quarto ano. Eu sou a única aqui em casa que estudou só até o quarto ano primário. Eu fiz assim, eu sou uma pessoa que, graças a Deus, eu sou uma pessoa que cresci, estudei, namorei, passeava muito pouco porque naquela época, né? Filho tinha que andar muito certo, né. Minha mãe foi uma pessoa muito rigorosa e foi bom ela ser assim, né, foi muito bom. Por isso que todo mundo aqui em casa é gente, né. (risos). Porque se soltar um cadinho cê sabe como é que é, né? Então eu moro aqui, trabalhei fora. Você trabalhou com quê? Eu trabalhei na Companhia Manufatora, 8 anos e meio, para não completar estabilidade. Na época não era Fundo de Garantia nem nada. **Quando completava 10 anos...** Não podia passar de 8 anos e meio. Porque depois de completar 9 anos não podia. Então saí dali e fui correr atrás, trabalhei na Industrial pouco tempo e foi muito ruim porque era muito longe, não tinha ônibus na época e tal e nós criávamos um menino, um sobrinho, que a mãe faleceu e tal, minha mãe criava, eu era solteira, mas era praticamente eu que cuidava dele, né. Então era muito distante, e tal então aí eu pedi pra assinar saída lá. Aí trabalhei na Irmãos Peixoto até casar. Aí casei. **Ah, você conheceu o seu ex-marido lá na fábrica mesmo?** Não, foi aqui mesmo em Cataguases, ele morava na avenida, ele era daqui de Cataguases. **Mas ele não trabalhava lá...** Não, não. Aí trabalhei na Irmãos Peixoto até casar. Aí casei fui pro Rio de Janeiro e casamento não deu muito certo. Eu voltei pra ver se regularizava a vida aqui com ele. Só que ele... infelizmente ele não tinha muito o pé no chão. **Qual era a profissão dele?** Naquela época ele era eletricitista. Aí eu fiquei... Ficou aquela responsabilidade eu comecei a fazer unha pra fora. **Vocês tiveram um filho, né?** É, um filho, G... Comecei a fazer unha pra sobreviver, comecei a trabalhar né, fazer unha, graças a Deus,

fiz sucesso como manicure. Porque eu fazia unha das 5 horas da manhã até as 10 horas da noite. Fiz unha de muita gente aqui de Cataguases e depois eu comecei a ser doceira, completamente diferente. Por quê? Porque eu fazia as coisas pras barracas da Igreja do Rosário, aí o pessoal começou a me encomendar e aí o pessoal começou a me encomendar que tava bom. Aí passei a fazer duas coisas completamente diferentes, né, manicure e doceira. Então eu corri atrás e foi onde eu consegui, né, colocar o G... em escola particular, não por vaidade minha porque com 3 anos o doutor Hugo falou: esse menino é muito inteligente, seria bom ele ir pra uma escola. Eu fui na escola pública mas ninguém aceitava ele com 3 anos, aí eu fui pro Promove, dali ele foi pra Escola Normal, do Carmo ele foi... **Mas você já estava separada, né? Espere um pouquinho, por favor, porque os dados do processo, só pra confirmar o seu casamento durou pouco tempo...** É. Muito pouco tempo. Quando eu... Assim que eu casei, eu engravidei. Quando o G... nasceu a gente tava mais ou menos juntos, né? Casei em maio e o G... nasceu em fevereiro, tava mais ou menos separado, mas depois que o G... nasceu, eu acho, eu não sei eu não sei, eu não entendi até hoje que ele com tanto amor com tanto, tanta coisa, que eu ficava aqui e ele ficava no Rio. Só que aí ele não vinha. Ficava tempos e tempos sem vir aqui. Aí eu fui correndo atrás, trabalhando, telefonando, procurando ele e tal e tal. Quando fez 7 anos que a gente tava separado eu falei: ah, eu vou procurar a justiça. **Ah, então foi você que tomou a iniciativa de se separar? Como transcorreu o processo?** Foi. Eu que tomei. Porque eu ligava, eu ligava pra ele. Ele vinha, sabe, ele vinha com aquela maior conversa, aquele papo furado, mas pegar na cabeça mesmo, a responsabilidade mesmo ele não pegava. Não fazia nada e eu lutando. Até o dia que eu fui na Justiça, o doutor Tarcísio que fez o meu, fez a minha ficha... mandava ele vir, mandavam papel pra ele vim. Carta, até a minha prima mesmo uma vez levou um papel. Ele me telefonava e falava: eu não vou separar de você, não vou separar de você. E não veio. Aí eu entrei com o litigioso. Aí eu corri atrás de pensão pro menino. Coitado, até já morreu, sabe. Só que eu não posso falar dele porque ele não está aqui pra se defender, né. Falar a parte dele. Aí eu peguei voltei na Justiça pra pedir a pensão do menino. Aí o advogado foi insistindo insistindo... Até que um dia meu advogado falou: se fosse você largaria isso pra lá. Mas aí então eu fui cuidar do G... Ele foi estudar no Promove. A Industrial mandou ele embora, eu não sei e nem quero saber porquê. Eu devo muito favor Industrial. Todas as vezes que eu passo lá eu penso: que Deus abençoe e que nunca entre em decadência. Eu sou abençoada por Deus porque Ele falou: você vai ter um filho e ele não vai te dar problema. Saiu da companhia Industrial e voltou a trabalhar. Acho que ele foi demitido desses lugares porque eles tinham um pouquinho de rixa dele. Porque ele é de cor, mas tem a alma pura, alma branca. Ele é um

menino muito bom e muito inteligente. Não é porque é meu filho não. Quem conhece o G... sabe. Mas é isso aí. **P..., pra refazer sua vida você começou a fazer unha pra fora, né? É. Aí depois você foi ser doceira.** Não. Eu fiquei com os dois. Depois de muito tempo eu falei com as minhas freguesas de unha: ah, eu vou ter que parar de fazer unha porque eu vou fazer uma cirurgia no meu pé, como eu fiz. Ah, não você não precisa ir atrás da gente não, a gente vem aqui. Então era assim um serviço completamente diferente um do outro, mas eu ainda continuei. Aí eu falei com todas elas, mas com isso foi assim um círculo de amizade tão grande que eu formei com elas todas que até hoje. Como também eu fiz das funcionárias de fábrica também, lá da Vila Reis. Eu nunca discriminei ninguém. Acho que todas merecem respeito, o dinheiro de todo mundo é igual. E outras pessoas também. Como doces também. Eu fiz doces pras pessoas mais ricas de Cataguases. Mas eu fiz doce pra pessoa mais pobres também. Pras pessoas mais pobres que queriam comer o meu doce, as pessoas mais humildes. Eu posso pagar de duas vezes? Eu falava: vai me pagar direitinho, né? Não, vou sim. Mas era a mesma qualidade. A mesma qualidade que eu faço até hoje, que eu aposentei, aposentei como doceira, a mesma qualidade que eu faço pra “nata” eu faço pras pessoas simples como eu e é a mesma qualidade que eu faço pra casa. E eu tenho nome de doceira careira. **É?** Eu respeito o dinheiro, a qualidade do doce, o asseio. Qualquer pessoa pode chegar aqui em casa qualquer hora se eu estiver fazendo doce ou não, pra checar minha cozinha. Dei aula de culinária como voluntária pra 8 turmas na Prefeitura e dali saíram muitas doceiras. Cumpro meus compromissos a tempo e a hora. **Na década de 70, M5, a vida da mulher estava começando a mudar, pílula, essas coisas, mas ainda tinha muito preconceito. Aqui em Cataguases eu lembro de ter ouvido a expressão “largada do marido”. Você sofreu com esse tipo de coisa por ser uma mulher separada do marido?** Sofri. Sofri e inclusive às vezes eu até mentia. Às vezes a pessoa falava: Penha, e o seu marido? Aí eu falava: Ah, boba, tá lá no Rio trabalhando e eu tô aqui, tal, de vez em quando ele pode ele vem. Quê que eu tava falando? Não, ele fica lá no Rio, tal tal, mas muita gente... As pessoas que tem o pé no chão, as pessoas minhas amigas de verdade nunca se afastaram. Continuei indo nas casas tanto é que eu lido, fiz unha na casa de muita gente, as pessoas sempre me respeitaram, todo mundo me respeitou muito porque eu procurei respeitar todo mundo. Agora, de vez em quando, tinha aquelas pessoas que sempre chegavam e faziam aquela pergunta idiota (risos): Ô, M5... arruma um casamento. Eu falava: não, gente, casamento não é tudo não. Eu tenho um filho, eu tenho minhas responsabilidades. Teve pessoas com pergunta idiota, mas não tinha resposta não porque eu falava: mas você é corajosa de me perguntar isso, hein? (risos). **Existia um pouco de preconceito mesmo.** É. E então, uma vez eu peguei uma pessoa aqui, que mudou

pra aqui perto de casa, tinha pouco tempo, minha mãe conversando, eu cheguei e peguei ela perguntando, aí eu falei com ela: mas você é muito corajosa de perguntar isso pra minha mãe. Eu falei assim pra ela: parabéns. Aí eu falei: parabéns pra você. **Ainda sobre a década de 70, você falou da dificuldade de conseguir emprego, nessa época em Cataguases ocorriam muitos eventos culturais como os festivais de música, cinemas, bares.** Olha, eu participei de um coral, coral da AABB, eu participei do coral 10 anos, eu e G... Pra eu poder sair com ele e pra ele poder estar junto comigo... Eu viajei pro Rio de Janeiro, nós apresentamos muitas vezes no Rio de Janeiro, nós apresentamos muitas vezes no Rio, Friburgo, Teresópolis, Juiz de Fora, Leopoldina, Cataguases, inclusive nós participamos de um encontro de corais em Brasília na época foram 10 corais e ganhamos, nosso coral ganhou o primeiro lugar. Aí depois disso o coral acabou porque o maestro que era do Rio não tinha... o pessoal não pagava. Não tinha quem pagasse. Não tinha como o Simão que pagava, aquele senhor que morreu pagava, aquele que construiu o prédio que caiu... **Sérgio Naia.** Pois é, ele parou de pagar. Foi indo que ele parou, tinha família, né. E ele não pode vir aqui mais ensaiar a gente. Ele vinha toda segunda-feira. Cantei no coral da Maria Ida, o coral A Capela, mas eu tive que parar. Falei com a Maria Ida, a prioridade é minha mãe agora que está ficando velha eu tinha que ficar com ela à noite. Aí passei a cantar no coral da Igreja. Aí morreu a coordenadora do coral e acabou o coral. Então é isso aí. **A parte de divertimento na década...** Voltando ao serviço, eu trabalhei na Irmãos Peixoto até 1972 aí eu saí porque eu ia pro Rio, mas eu voltei à tecelagem). **Sobre 70, esse movimento que havia de cultura em Cataguases, música, cinema, teatro, barzinhos, você saia, você participava?** Não, nunca. Nunca saía. Não era por falta de convite, não. Tinha amigas que chamavam: vamo lá pra avenida?; a outra falava: cê tem que ir lá na avenida, tem um barzinho, não tem nada demais... Naquela época eu tinha a mesma responsabilidade que eu tenho hoje; eu falava: nada disso. Ela falava: nossa, você precisa arranjar um namorado. Eu tava com 29 anos. Meu marido deixou uma benção pra mim, ele me deixou uma coisa muito boa pra mim que foi o meu filho. Às vezes eu saía da fábrica, levava a bolsa e de lá já ia pra casa de alguém fazer unha. **A sua vida social (família, amigos, trabalho) foi muito afetada pela separação? As pessoas te aceitaram?** A família me aceitou bem, graças a Deus. Acolheu porque, de repente, foi porque eu nunca dependi deles. Porque eu vim pra minha casa, fiquei morando com a minha mãe, mas, foi assim, porque depois de casada eu tinha umas economias, cê tá entendendo? eu... na época recebi auxílio natalidade que eu pagava, eu recebi. Logo que o G... nasceu eu comecei a fazer unha porque eu nunca dependi de grana de ninguém, sabe? Sempre trabalhei. Sempre tive o que era meu. Era pouco? Era. Passava aperto? Passava. Menino estudava em escola particular nunca

fiquei devendo um mês de escola, nunca. Fez inglês. Frequentava igreja, fez catecismo, fiz festas de aniversário pra ele. **Comparando aquela época com os dias de hoje o que a senhora acha que mudou a mulher que se separa do marido? É mais difícil ou mais fácil?** Ah, isso depende da cabeça de cada um, sabe? Porque eu acho que tá havendo muita separação... acho muito... os valores, né? Não tô querendo achar que sou muito boa, muito direita não, mas eu posso andar com a minha cabeça erguida, porque graças a Deus sempre respeitei a minha vida, a vida do meu filho, a vida do meu marido, a vida da minha família. Eu acho que os valores estão acabando. Tem muita mulher como eu hoje. Tem muita mulher que separa e fica como eu fico, mas tem muitas pessoas que... é fraqueza, né, se perdem... ou pra pirraçar que o marido arrumou outra, ou que acha que é a tal que é bonita. Quer se arrumar, que passear, quer curtir, às vezes até abandona os filhos pra poder..., não tem assim aquele amor que a gente tem. Até hoje eu falo pro meu filho, ele tá com 37 anos, ele já namorou muito, tá noivo, graças a Deus, mas eu falo com ele: você namora, mas você respeita. Você sempre lembra que a sua mãe é mulher. Não brinca com a filha dos outros não. Nossa Senhora também é mulher. Eu falo com ele: G...: se uma pessoa pode ter noventa e nove defeitos, mas se ela tiver uma qualidade você só vai ver aquela qualidade, tá meu filho? E eu não sei se ele nasceu pra isso ou se são os conselhos que eu dou, que ele é um menino que pra ele ninguém é ruim. Eu saio e as pessoas falam: Ah, a senhora é mãe do G... É muito gratificante. Se precisasse trabalhar como eu trabalhei pra criar o G..., se tivesse que enfrentar tudo eu faria tudo de novo. **Você respondeu a pergunta que eu ia fazer. Você mudaria alguma coisa que você fez daquele tempo pra cá que você fez?** Não. Faria tudo de novo. Hoje ele é adulto, eu moro com minha mãe que tá com noventa e três anos, eu vivo pra ela, só saio rapidinho pra ir à igreja na missa de quarta-feira e o coral e tem uma pessoa pra me ajudar. As amigas convidam vem... sábado, domingo... Eu falo: gente, a minha prioridade é a minha mãe, a minha missa chama dona M... Eu canto, eu rezo, mas a minha prioridade é a minha mãe. **Bem, M5..., nosso encontro foi um encontro sem planejar, mas o que você achou de contar um pouco da sua história?** Acho que foi bom, foi até um desabafo, né? É... coisas que eu posso falar, coisas que eu não preciso mentir. Porque eu falei a minha vida é um livro aberto, né? E graças a Deus, e... qualquer pessoa que chegar aqui numa posição como a sua será bem recebida. **Eu te agradeço imensamente, porque eu estava num aperto, hoje é o dia que eu tenho que entregar o meu trabalho. Porque são 53 processos e muitas dessas mulheres não estão em Cataguases, outras não quiseram falar, outras até faleceram...** Eu te agradeço por ter me escolhido...

DOCUMENTOS

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

ESTADO DE MINAS GERAIS



Município e Comarca de Cataguases

Cartório de Paz e do Registro Civil de Cataguases (MG).

FIRMA NO  
Cartório Maurício Lemos  
Av. W, 3 - Q 504 - Brasília

REGISTRO CIVIL

FIRMA NO  
11º Cartório de Notas  
R. Liberato Badaró, 293 - Lj G  
Prédio Conde Prates - SP

FIRMA NO  
Tabelião Afonso Machado  
Av. Afonso Pena, 1162 - BH

*Vera Lúcia Alves Vieira*  
Escrivã de Paz e Oficial do Registro Civil

FIRMA NO  
Tabelião Spínola  
Av. Erasmo Braga  
Rio de Janeiro - RJ

*Gil Sérgio Vieira de Miranda*  
Oficial Substituto

CERTIDÃO DE CASAMENTO

VERA LÚCIA ALVES VIEIRA, Oficial do Registro Civil, em pleno exercício de seu cargo.

CERTIFICA e da fé que, no livro do casamento, 43 - B - às fls. 189.////-  
sob o Nº 4187. consta que no dia 10 de maio de 1958, foi celebrado  
perante o Juiz de Paz, Sr. José Pinto Pinheiro. ////-  
o casamento do Sr. Walter Cabral.////-  
com Maria Mendes Ferreira. ////-  
que depois de casada passou a ter o nome Maria Mendes Cabral. ////-

no regime de Comunhão de bens. ////-  
Ele é industrial, nascido em Cataguases, (MG).////-  
aos 28 de fevereiro de 1933, filho de Francisco Cabral Filho.////-  
e de dona Isaura Alves de Miranda. ////-

Ela industrial, nascida em Piacatuba (MG).////-  
aos 17 de agosto de 1935, filha de Joaquim Mendes Ferreira. ////-  
e de dona Dolores Mendes de Oliveira. ////-

Obs. Tab.21,al.a,nº.06.P.1,93. //- CERTIDÃO: CERTIFICO que conforme Mandado  
do MM. Juiz desta cidade, Dr. Jorge Magaldi, foi averbado o DESQUITE do ca-  
sal, Walter Cabral e Maria Mendes Cabral, conforme sentença datada de 30/09/  
1974, desobediendo, sendo que a desquitada voltou assinar seu nome de solteira,  
ou seja: MARIA MENDES FERREIRA. Dado e passado nesta cidade dia 20/11/74.  
Dou fé. ....

Apresentaram todos os documentos exigidos pelo artigo 180 do Código Civil.

O referido é verdade, do que dou fé.

21188347/0001-80

CARTÓRIO DE PAZ E REGISTRO CIVIL

PCA GOVERNADOR VALADARES, 101/206  
CENTRO - CEP 36.770-000  
CATAGUASES - MG

Cataguases, 18 de dezembro de 1997.

*Gil Sérgio Vieira de Miranda*  
Oficial do Registro Civil - Substituto

Proc. 9.276/74  
 Eitelvina

Exmo. sr. dr. Juiz de Direito

Das mais dos referidos casais a sim. Quem  
 foram enviados em cumprimento e separação. Impõe-se  
 a conciliação. D. P. e R. houve a termo de ratifica-  
 ção - A pr. vinta as d. homologação de justiça. Em seguida  
 C. S. P. e F. condutores.

Cataguases, 03/09/74

WALTER CABRAL, brasileiro, casado civilmente, indus-  
 triário, residente em São Paulo, e sua mulher dona MARIA MENDES CA-  
 BRAL, também brasileira, do lar, residente nesta cidade, á rua Ro-  
 mualdo Menezes, n. 51, no Bairro do mesmo nome, apresentam-se pessoal-  
 mente a V. Exa., por meio desta, que vai devidamente instruída e as-  
 sinada por ambos, na qual expressam seu mútuo e irrevogável propósi-  
 to de desquitarem-se, para o que requerem, após cumpridas as for-  
 malidades legais, haja por bem V. Exa. de homologar o acôrdo, ordenan-  
 do, ainda, que lhes sejam fornecidas as indispensáveis certidões pa-  
 ra averbação e registro.

D., a. e r. com os inclusos documentos, dão ao pedi-  
 do o valôr de R\$ 20.000,00 e

Pedem deferimento.

Cataguases, 3 de setembro de 1974

Walter Cabral

Maria Mendes Cabral

Declarações

Em obediência ao disposto nos arts. 1.121 do CPC e  
 318 do C.C., passam os cônjuges desquitandos, que esta também subscre-  
 vem, a fazer, de comum e perfeito acôrdo, as seguintes declarações:

I) Não houve contrato antenupcial;

II) Os bens do casal são constituídos de um prédio, com  
 duas residências geminadas, de construção própria,  
 edificadas em 1963, e o respectivo terreno, medindo  
 200 (duzentos) metros quadrados, com duas entradas  
 independentes, de serventia das casas, havido o ter-  
 reno por compra a Eitelvina Menezes, situados á rua  
 Romualdo Menezes, 51, nesta cidade, os quais serão  
 divididos da seguintes maneira: caberá a desquitanda  
 a residência geminada situada na parte an-

Proc. 2.276 Fls. 3  
Walter Cabral

ideal no mesmo equivalente a cinquenta por cento (50%) cabendo ao desquitando varão a residência geminada situada na parte posterior do mesmo terreno, com igual cota no mesmo, isto é, cinquenta por cento do mesmo. Com relação aos móveis, semoventes, utensílios e joias pertencentes ao casal, passam os mesmos à propriedade exclusiva da desquitanda varôa, com excessão apenas de um relógio de pulso, marca Seiko, uma máquina "Singer", de costura, um rádio de pilhas, marca Philips, e um automóvel marca "Volkswagen", modelo 1966, placa DH-1450 (SP), adquirido sob reserva de domínio, - que passam, digo, que ficam pertencendo exclusivamente ao desquitando varão, o qual assume o compromisso de pagar tôdas as dívidas do casal contraídas até esta data, e, inclusive as custas e honorários com o processo de desquite.

- III) Os declarantes são casados civilmente pelo regime da comunhão de bens há mais de dois anos;
- IV) O casal possui duas filhas- Rita de Cássia Mendes Cabral e Iára Mendes Cabral, respectivamente com 15 e 12 anos de idade, que permanecerão em companhia e sob a guarda, digo, guarda da mãe, ressalvado ao pai o direito de visitá-las.
- V) Fica o varão com o encargo de dar á sua espôsa e filhas, a título de alimentos, meio salário mínimo, isso enquanto permanecer empregado, digo, desempregado, obrigando-se, todavia, tão logo se empregue, a concorrer para alimentação das mesmas com um terço do seu salário;
- VI) O varão se obriga, ainda, a dar ás suas filhas, ou melhor, á garantir ás suas filhas tôdos os benefícios da entidade previdenciária a vier a pertencer.
- VII) A desquitanda renuncia ao uso de nome de seu marido, passando a adotar novamente o de solteira.

Estando os cônjuges, ora desquitandos, de pleno acôrdo com o que estipularam nesta petição, a qual mandaram datilografar, passam a assiná-la.

Cataguases, 3 de setembro de 1974

Walter Cabral

Maria Mendes Cabral